



COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

ANTOLOGIA ESCOLAR 2017

COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

ANTOLOGIA ESCOLAR – 2017

Diretor de Ensino
Coronel Eng QEMA Carlos **Hassler**

Subdiretor de Ensino
Tenente Coronel Eng Leandro Silva de **Moraes Ramos**

Comandante do Corpo de Alunos
Tenente Coronel Inf **Cirilo** Carlos Ribeiro Júnior

Chefe da Divisão de Ensino
Tenente Coronel Eng Leandro Silva de **Moraes Ramos**

Digitação:
Professores e alunos do
6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e
1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Diagramação/Composição/Capa:
Professora Maria Luiza Nunes de Araújo
Professora Simone Miranda Bastos
Ilustrações dos alunos: João Marcelo, Cristine, Damasceno e Camila Baraúna

Responsável pelas mensagens de agradecimento, introdução,
direcionamento ao aluno, organização, seleção e revisão dos textos:
Professora Maria Luiza Nunes de Araújo

Colégio Militar de Salvador
Rua das Hortênsias, s/n - Pituba
Fone: (71) 3205-8805
<http://www.cms.ensino.eb.br>
e-mail: cms@cms.ensino.eb.br

ISBN: 1948-2



ÍNDICE

Agradecimentos	08
Apresentação da Antologia 2017	09
Direcionamento ao leitor	12

TEXTOS DE DESTAQUE

Concurso do CMS: 1957- 2017 – 60 ANOS - ARTIGO DE OPINIÃO –

Ensino médio:

<u>Primeiro lugar:</u> Sementes do bom cidadão	14
<u>Segundo lugar:</u> De tijolo em tijolo	15
<u>Terceiro lugar:</u> 60 anos plantando.....	16

Ensino fundamental:

<u>Primeiro lugar:</u> A minha história no nobre cadinho.....	18
<u>Segundo lugar:</u> Os valores e virtudes que vivenciei na família garança..	20
<u>Terceiro lugar:</u> Ensinamentos para a vida	22
46º concurso internacional de redação de cartas – Correios: <u>3º Colocado do Estado da Bahia</u>	24
Concurso Cisne Branco – Ensino Fundamental: Guardiões da Nação....	26
Concurso Cisne Branco: - Ensino Médio: Progressão Marítima	28

TEXTOS DISSERTATIVOS EXPOSITIVOS, ARGUMENTATIVOS, NARRATIVOS E ARTIGO DE OPINIÃO

Eu existo!.....	30
As redes intolerantes.....	31
Colcha de retalhos.....	32
A reforma é mesmo a solução?	33
Desenvolvimento descartável	34
Permissão para colorir o cinza.....	35
O que está atrás das grades?.....	36
A busca pelo possível	37
A luta não pode parar!	38
Uma luta que ainda não pode cessar.	39
A batalha feminina é uma luta de todos.	40
Altruísmo: uma alternativa evolutiva e viável.	41



O altruísmo: termo quase esquecido no mundo atual.	42
Sozinhos em meio à multidão	43
As relações interpessoais no capitalismo moderno.....	44
A humanidade em um mundo capitalista.....	45
Futuro de incertezas.....	46
A abordagem racional da biotecnologia.	47
Quem é Machado de Assis	48
Narrativas de João Cabral de Melo Neto e de Graciliano Ramos	49

POEMAS

Crime passionai	52
A cápsula	53
Medalha de ouro	54

CORDEL

Literatura de cordel: Juventude benigna.....	58
Geração que mudará o Mundo	59
Moderna educação	61
Mal educados?	63

CARTA ARGUMENTATIVA

Carta argumentativa nº 1	66
--------------------------------	----

CONTOS

Paradoxo fixo	68
Algarismo fatídico.....	74
Uma questão de força de vontade	77
Uma terça-feira fora dos padrões	79
Alegria inimiga.....	81

CONTOS MARAVILHOSOS

A bruxa e o vale encantado	84
A vassoura perdida	85
Um salto para o passado	86



A fada iniciante.....	88
A menina e o arco-íris.....	89
Robin, o arqueiro.....	90
Os livros.....	91

LENDAS

A lenda do girassol	94
A criação do fogo.....	95
A lenda do surgimento da água.....	96
A criação das estrelas	97
Planeta Água	98

TEXTO EM HOMENAGEM À TURMA 2017: SESQUICENTENÁRIO DA RETIRADA DA LAGUNA

Texto em homenagem à Turma 2017	100
---------------------------------------	-----

PALAVRAS FINAIS DO CORONEL-ALUNO COMANDANTE DO BATALHÃO ESCOLAR 2017

Palavras finais do Coronel–aluno para a turma Sesquicentenário da Retirada da Laguna.....	102
-------------------------------------------------------------------------------------------	-----

Observação:

Os textos apresentados e selecionados não refletem necessariamente o pensamento do CMS e são de inteira responsabilidade dos autores.



Professores da Seção de Ensino “A” – 2017:

Ensino Fundamental:

6º ano

Professora Ana Isabel Duarte Machado

Professora Deborah Santana Alves

7º ano

Professora Érica Fernanda Santos Hayne

8º ano

Professora Fábيا Tosta Simões dos Santos

Major Domingos Fernando Santos Batalha Góes

9º ano

Major Aline Cristina de Araújo

Tenente Laíz Oliveira do Nascimento Pereira

Ensino Médio:

1º ano

Professora Esmeralda Barbosa Cravançola

Professora Ana Telma Miranda do Espírito Santo

2º ano

Professora Luciana Santos de Oliveira

Professora Adaltina Figueiredo Silva Filha

3º ano

Professora Maria Luiza Nunes de Araújo

Professora Maria Eliana Almeida Matos

Apoio Pedagógico:

Professora Anita Matos Santana

Professora Rosana Dória de Magalhães Fonte

Responsável pela Antologia:

Professora Maria Luiza Nunes de Araújo



AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO DA ANTOLOGIA 2017

DIRECIONAMENTO AO LEITOR



Agradecimentos

A Deus

Felizes os eternos disponíveis que atendem aos chamados, sempre prontos a servir. Somos gratos aos Vossos ensinamentos e às realizações concretizadas! Agradecidos somos, portanto, ao Senhor bondoso e misericordioso!

Ao Comandante do Colégio Militar de Salvador

Nossa gratidão pela confiança e compromisso para, mais uma vez, realizarmos a nossa Antologia.

Ao Subdiretor de Ensino

Palavras de agradecimentos são poucas quando acreditamos na motivação que deixou registrada para todo o corpo docente e discente do Nobre Cadinho. Compartilhamos, portanto, da sua felicidade ao realizarmos este grandioso trabalho: Antologia 2017.

Ao Comandante do Corpo de Alunos

Durante esse período que conviveu conosco, sentimos-nos bastante felizes e agradecemos todos os momentos de orientação, de forma especial, para o nosso aperfeiçoamento e dedicação aos estudos.

Ao Chefe da Divisão de Ensino

Os louros são dirigidos não apenas àqueles que organizam e concretizam os trabalhos, mas também para todos que alimentam e persistem em ideias inovadoras e produtivas. O nosso reconhecimento eterno pela sua imensa colaboração.

Aos mestres

Continuamos a entender que a presença constante de vocês em nossas vidas representa a nossa segurança e compromisso com o saber. Cremos que vocês marcaram, através do compromisso com a leitura e escrita, o despertar para sermos cidadãos críticos e pensantes da sociedade em que estamos inseridos.

Aos pais e responsáveis

Se ontem vencemos obstáculos e se hoje estamos aqui, é porque vocês nos ensinaram a acreditar em nossos sonhos e realizações.

Aos demais servidores civis e militares (monitores, instrutores), serventes colegas e amigos, enfim a todos que participaram do nosso dia a dia, os nossos agradecimentos especiais por motivar toda a criatividade transmitida nas páginas desta Antologia. A conquista também é de vocês!

Professora Maria Luiza Nunes de Araújo



Apresentação da Antologia 2017

Eis que surge mais uma luz para clarear a sábia mente na compreensão e interpretação da escrita dos nossos alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio.

Dentro do nosso universo, no Colégio Militar de Salvador (CMS), aparece a Antologia 2017! E para isso nos reportamos ao que verdadeiramente foi registrado, através da escrita, neste ano de 2017. Ano promissor deste Nobre Cadinho: **60 anos** de compromisso e determinação que enaltecem os alunos, os professores e a família garança. Com isso, apresentamos fatos de bastante relevância que aconteceram, no CMS, durante o ano de 2017, a saber:

A Escola de Física Contemporânea (EFC)

A Escola de Física Contemporânea (EFC) é um programa de extensão anual do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos. Um dos objetivos da atividade é despertar nos estudantes a importância da pesquisa e das ciências, que é pouco reconhecida. A rotina na escola é intensa: o curso dura uma semana e as aulas vão das 8 da manhã até às 21 horas. No final do curso, cada grupo deve apresentar um dos experimentos que foram realizados durante a semana.

Os alunos do CMS que participaram da Escola de Física Contemporânea, em São Paulo, foram: Antônio Victor Machado, Ingrid Lima Santos e Lucas Vinicius Silveira de Lima.

Olimpíada Ibero-Americana de Biologia

Entre os dias 11 e 15 de setembro de 2017, o ex-aluno João Victor Santos representou o Brasil na XI Olimpíada Ibero-Americana de Biologia (OIAB), sendo premiado com medalha de ouro. A competição, este ano, foi realizada no Arquipélago de Açores, em Portugal, e contou com a participação de 12 países.

A primeira fase da OBB ocorreu no dia 8 de abril, sendo realizada a nível local nos próprios colégios dos participantes. A prova é constituída de 30 questões objetivas e, para avançar a segunda fase, é necessário acertar, no mínimo, 19 questões. Essa fase foi realizada no dia 7 de maio, composta de 120 questões objetivas. Apenas as 15 melhores pontuações avançam para a 3ª fase.

A terceira fase foi realizada no Instituto Butantã, em São Paulo, sendo uma seletiva para a Olimpíada Internacional.



Era uma vez ... BRASIL

Ao decorrer do ano de 2017, alunos de diversas escolas participaram da fase seletiva do Era uma vez... BRASIL, projeto de caráter social e cultural, voltado para alunos do 8º ano da rede pública, que busca incentivar os alunos a entenderem a importância da disciplina de História em suas vidas.

Assim como na edição anterior de tal projeto, o CMS destacou-se pelo sucesso de seus alunos, tendo como representantes este ano o professor Sargento Mateus e os alunos Luquini, Luiza Habib, Rebeca Oliveira e Victoria Chicourel.

XI Jogos da Amizade

A XI edição dos jogos da Amizade ocorreu este ano no dia 2 a 8 de julho. O evento esportivo artístico cultural realizou-se em Resende, Rio de Janeiro, na Academia Militar de Agulhas Negras (AMAN), contando com a presença dos 13 colégios do Sistema Colégio Militar do Brasil.

O CMS apresentou a peça Tia Ciata e a pequena África.

O CMS marca presença na SiNav

Nos dias 23 e 27 de julho, o CMS enviou uma pequena delegação de alunos para a Simulação Naval, a conhecida SiNav, composta pelos alunos: Fernando Queiroz, Paulo de Tarso, Beatriz Leal, Yasmin Carvalho e Hohenfeld. Tal simulação é organizada pelo Colégio Naval, localizada em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, e serviu como uma ótima oportunidade para estreitar as relações entre o CMS e o Colégio Naval.

Mundo Integral

Dos dias 14 a 16 de agosto, o CMS foi muito bem representado na 3ª edição do Mundo Integral com 15 alunos do 9º ao 3º ano. Tivemos o prazer de ser agraciados ao fim do evento, com a menção de melhor delegação para a França, formada internamente por alunos do CMS. Como destaque, tivemos a aluna Camile Bionda do 1º ano, com sua menção honrosa e a dupla, também, do 1º ano, simulando no United Nations Security Council, com sua menção honrosa, Antônia Dezidério e Rafael Vasconcellos.



Grupo de artes no Brasil

No início deste ano, foi criada por iniciativa do professor Sérgio Inácio e alguns alunos, o Grupo de Artes do CMS. O objetivo do grupo é romper com a tradição do culto restrito às artes, bem como enaltecer a participação essencial no desenvolvimento cognitivo emocional e corporal daquele que se utiliza da expressão de si própria.

No dia 18 de outubro, houve o Festival de Jovens Talentos.

O CMS canta e encanta

Em 23 de abril, aconteceu, no Farol da Barra, a primeira apresentação coletiva do CMS com os alunos: Natan Santos, Jade Lidian, Sarmento, Amanda de Souza, Baruzzi e Seixa.

Diante de tantos eventos, o corpo discente e docente sente-se honrado em colaborar nas atividades diversificadas para o engrandecimento do nosso Nobre Cadinho, prestigiando também a turma: Sesquicentenário da Retirada da Laguna.

Essas foram as atividades de destaque que aconteceram no Nobre Cadinho para o enriquecimento dos seus alunos e professores no ano de 2017. Parabéns aos que participaram desses valiosos eventos.

Professora Maria Luiza Nunes de Araújo



Direcionamento ao leitor

2017: 60 anos do Colégio Militar de Salvador. Data bastante significativa, pois desde 1957, o Nobre Cadinho vem se destacando para a construção de uma comunidade melhor, uma cidade mais digna e um país mais significativo.

Parafraseando Renato Russo, em *Boomerang Blues*, “Tudo que você faz / Um dia volta pra você”, ou seja, o Nobre Cadinho semeia ensinamentos, fatos e ações positivas incentivando sempre o aluno para ter respeito e compromisso com todos dentro e fora do seu universo e isso é observado, através dos textos explorados por cada professor em seu ano correspondente. Sendo assim, o que foi semeado repercutirá no futuro de cidadãos, isto é, cada aluno que sai do CMS vai multiplicando ensinamentos positivos apreendidos no Nobre Cadinho.

Nesses 60 anos, plantando compromisso, esperança e entusiasmo, no ano de 2017, aconteceram vários eventos. Dentre estes, destacamos o Concurso dos 60 anos do CMS, que foi realizado, no primeiro semestre de 2017, envolvendo todo o ensino fundamental e médio. Foi organizada uma equipe de ex-dirigentes do CMS para fazer a seleção dos alunos, contemplando as categorias de primeiro, segundo e terceiro lugar. Em primeiro lugar do ensino médio, foi classificada a aluna Ingrid, do terceiro ano, com o artigo de opinião: *Sementes do bom cidadão*. Do ensino fundamental, foi classificada em primeiro lugar a aluna Carolina, do sétimo ano, com a narrativa biográfica: *A minha história no Nobre Cadinho*.

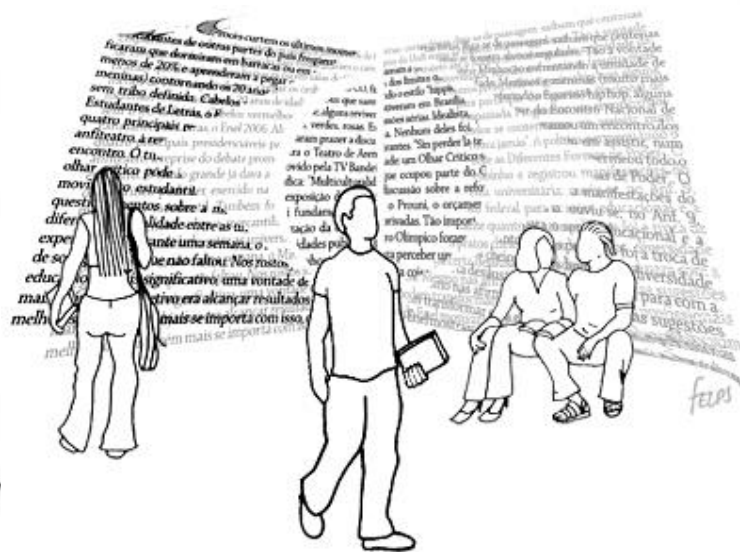
Outros destaques tivemos em diversificados concursos, como: o Concurso da Marinha, com seleção de textos muito bons, além do Concurso dos Correios e outros Concursos internos.

A exploração das produções textuais continuou com narrativas bibliográficas, poemas, dissertações, cartas argumentativas, textos dissertativos-argumentativos, lendas, histórias de encantamento, crônicas e outros gêneros. Então, leitor querido, quer mais? Que tal verificar as páginas que virão em seguida para se entusiasmar com os textos de 2017? Aproveite! Faça isso! E... até a próxima, se Deus quiser.

Professora Maria Luiza Nunes de Araújo



TEXTOS DE DESTAQUE



FEPS

Sementes do bom cidadão

Quando penso no Colégio Militar de Salvador (CMS), a primeira palavra que vem à cabeça é “casa”, e esse pensamento não é à toa. Foi uma batalha difícil para conseguir ingressar nessa instituição: a concorrência no concurso era grande e exigia uma imensa dedicação aos estudos. Mas, agora, sete anos depois, vejo que tudo valeu a pena. Nesse “Nobre Cadinho”, cultivei amizades que levarei comigo para sempre. Conheci várias partes do Brasil ao competir, representando o CMS e adquiri uma ampla gama de conhecimentos que não se restringem apenas só a conteúdos didáticos.

Os valores do Exército Brasileiro, tão estimados pelo colégio, são uma parte essencial na formação dos jovens estudantes e, certamente, tiveram uma grande influência na minha formação como cidadã. Em cada situação do cotidiano na escola, esses valores podem ser observados: no hasteamento do pavilhão nacional encontramos o patriotismo; nas bandeiras históricas, que desfilam nas formaturas, o civismo; no canto da saudação escolar, o espírito de corpo e no reconhecimento, seja intelectual, seja comportamental e esportivo, o incentivo ao aprimoramento técnico-profissional.

Os civis que observam de fora têm um grande respeito pelo colégio e reconhecem que os alunos fardados são exemplos para a sociedade. Nos desfiles em comemoração ao 7 de Setembro, por exemplo, todo o batalhão escolar é recebido com uma salva de palmas. Foram tantas pessoas que me olhavam nas ruas, quando estava uniformizada, com uma admiração e falavam-me “você são exemplos que deveria ser seguido”. Assim, não restam dúvidas de que os princípios cultivados pelo Colégio Militar de Salvador são um diferencial na formação dos jovens estudantes.

Estando agora no terceiro ano do ensino médio e quase dizendo “adeus, adeus, nossa escola, nossa alma”, posso perceber com clareza que mudei. Todos esses preceitos, por mais que muitas não percebemos, mudam o indivíduo. O CMS completa, neste ano de 2017, **SESSENTA ANOS**. Sessenta anos formando adultos qualificados e que se destacam no mercado de trabalho. Sessenta anos formando brasileiros críticos, conscientes e verdadeiramente brasileiros. Sessenta anos efetivando mudanças que ficam marcadas para sempre. Sessenta anos efetivando mudanças que ficam para sempre em cada passagem pelo Portão das Armas.

Aluna: Ingrid Lima

Nº: 3285

Turma: 303



Segundo lugar:

De tijolo em tijolo

Criado em 1957, O Colégio Militar de Salvador (CMS) carrega consigo, há 60 anos, o cultivo a valores, como responsabilidade, respeito, dedicação e camaradagem. Abrangendo, então, as esferas individual, familiar e social, o CMS vem formando alunos disciplinados, bons filhos e leais companheiros.

A partir do recebimento da boina ganana e da realizaao do juramento, o jovem passa a ser aluno acima de tudo e a ter que assumir direitos e deveres. Como eterno integrante da família ganana, aprender os valores do Exército Brasileiro, além de colocá-los em prática ate o 3º ano do Ensino Médio e, após a última passagem, como aluno, pelo Porto das Armas, os levará para toda a vida, tornando-se um cidadão honrado.

Ao conviver com colegas, professores, oficiais e funcionários, os alunos aprendem a dividir. Dividir o que têm de bom dentro de si com os outros, tratando bem o próximo para serem bem tratados. Se o aluno sabe trabalhar em equipe,  educado e bom companheiro, será bem recebido pelos colegas. Se o aluno  respeitoso e dedicado, será acolhido pelos professores. Se o aluno cumpre as normas do Colégio e  disciplinado, terá boas relações com os oficiais e seus comandantes. Ao se levantarem - quando da entrada de um professor na sala de aula -, os alunos estão cultivando respeito ao mestre, respeito aos mais velhos e o reconhecimento às autoridades. Ao lidarem, diariamente, com monitores, os alunos estabelecem com eles uma relação de confiança e amizade para a manutenção da qual é necessário demonstrar verdade e bom caráter. Ao deixarem de ser alunos e se tornarem profissionais no mercado de trabalho, tais valores cultivados serão adaptados para a vida adulta.

Atributos como pontualidade, pr-atividade e camaradagem são essenciais para a vida profissional, seja qual for a profissão escolhida. Atributos que, com certeza, um ex-aluno do CMS terá, pois foi formado por profissionais honrados e competentes, cercado de bons valores que, infelizmente, vêm se perdendo do outro lado dos muros do CMS.

Nessa perspectiva, regras que são, muitas vezes, incompreendidas ou tidas como exageradas, são, na verdade, os tijolos oferecidos aos alunos para que esses, se os colocarem em seus devidos lugares, construam um bom cidadão, que deixar o Colégio, mas nunca deixar de unir os tijolos que a vida os oferece. Pois, um cidadão nunca está totalmente formado; somos tudo aquilo que trazemos com bagagem e tudo aquilo que ainda levaremos na bagagem. Nunca há tijolos suficientes. Ha sempre espaço para mais um aprendizado.

Aluna: Ana Carolina

Nº: 3290

Turma: 302



Terceiro lugar:

60 anos plantando

Quem olha de fora pode até se perder nas diversas regras, horários e siglas presentes no dia a dia do aluno do Colégio Militar de Salvador. Ao ingressar, os alunos se deparam com um sistema completamente diferente de qualquer outra escola. No CMS, desde cedo, são ensinados aos pupilos valores que são fundamentados nos princípios do Exército Brasileiro. Esses valores constroem uma identidade que os molda para o resto da vida, e o Colégio Militar de Salvador vem sendo o oleiro desse processo há sessenta anos.

O lugar onde o espírito de camaradagem é construído a cada dia, transparecendo nas relações entre os alunos, professores, monitores e coordenadores é o mesmo lugar em que são formadas amizades que perduram para o resto da vida. Os relacionamentos construídos no Colégio Militar são fortalecidos pelo ensino a qual os alunos são submetidos, que permeiam muito mais do que apenas as disciplinas essenciais. Eles são tutorados por líderes que mostram, tanto por meio de ações como por meio de palavras, a importância da camaradagem, virtude que traz como essência o amor e respeito ao próximo, assim como a importância do trabalho em equipe para a obtenção de máxima eficiência e sucesso, e o valor dos relacionamentos e amizades fortes, que servem de alicerce para o crescimento individual e coletivo.

Ademais, a honestidade, virtude cultivada em todas as frentes do Exército Brasileiro, também faz parte das bases de ensino do Colégio Militar de Salvador. Os alunos crescem em um ambiente onde essa virtude é incentivada e cobrada no dia a dia, mesmo que, muitas vezes, isso não ocorra em casa. É isso que torna essa instituição tão competente. Ela é capaz de acolher crianças e adolescentes provenientes de todos os contextos, e, por meio dos valores do Exército, formá-las para se tornarem cidadãos que se preocupam com a civilidade e que lutam por um país melhor. E, nesse processo, a virtude da honestidade é um pilar importante que edifica o caráter dos alunos, formando jovens que terão muito sucesso, tanto na vida profissional como pessoal.

Outro diferencial que é passado aos alunos no Colégio Militar de Salvador é o entendimento sobre a importância da disciplina. Basta apenas um olhar aos índices para entender como essa virtude exerce influência sobre a vida do aluno do CMS. Todos os dias a instituição ensina e exige que seus alunos mantenham o padrão de esforço e determinação, tanto no quesito estudo como no crescimento pessoal. E essa virtude é, talvez, o que proporciona aos alunos tamanho prestígio, pois a aplicação da disciplina em suas vidas brinda-os com grandes sucessos e realizações.



O aniversário de 60 do Colégio Militar de Salvador proporciona a possibilidade de recordação e reconhecimento da tão saudosa instituição, que forma seus alunos de acordo com os valores mais nobres do Exército Brasileiro; tornando-se, assim, a pedra da roseta de seus aprendizes. São sessenta anos cumprindo a tarefa à qual foi incumbido: a de formar jovens que levem para suas vidas os valores aprendidos, e, como pronunciam no juramento, sempre cultuem o sentimento de saudade e guardem as nobres tradições, para que com amor e saudosismo no coração levem com eterno prestígio o seu nome!

Aluna: Gabriella Hassler

Nº: 4201

Turma: 302



A minha história no Nobre Cadinho

Tudo começou em 2015, quando eu resolvi fazer o concurso para entrar no Colégio Militar de Salvador. Minha mãe me pôs no curso preparatório, o curso Especial e a minha jornada de estudos e conquistas começou.

Depois de um ano, o dia da prova de matemática chegou. Eu estava preparada, pelo menos era o que eu pensava. A prova começou bem, eu fui resolvendo as questões, mas quando chegou na quinta questão, não consegui resolver e comecei a chorar. Finalmente me concentrei e consegui terminar a prova. Porém, o resultado não foi nada bom. Consegui a nota mínima para passar de fase. A prova de Português me esperava. Estudei o máximo que pude e então a data tão esperada chegou. Fiz a prova tranquilamente. Pouco tempo depois, o resultado saiu: eu havia acertado as vinte questões da prova de Português do concurso; foi a minha sorte, pois garantiu a minha vaga.

Dois mil e quinze passou e chegou dois mil e dezesseis, o meu primeiro ano do colégio. Estava bem ansiosa para saber como era o Recinto Sagrado. A semana zero foi bem puxada. Além de aprender a marchar, fazer sentido e descansar, meia volta volver, também aprendi com meu comandante e meus monitores que o colégio é muito mais do que isso. Desde o começo desse ano, aprendi vários valores como: lealdade, camaradagem, respeito, solidariedade, honestidade. Percebi que para estar neste lugar magnífico eu teria que mostrar que sou digna e capaz. O tempo foi passando e fui aprendendo a respeitar a autoridade, a ser muito mais responsável.

Nesse ano, estudei bastante, tirei boas notas e provei o meu valor. Fiz amigos e me diverti bastante também, mas como tudo, o ano foi acabando e deixando saudades. Os valores que aprendi nesse ano nunca serão esquecidos, mas também passarei para frente, para outras pessoas terem a mesma oportunidade que eu tive de me tornar muito mais do que eu era. Percebo que me tornei uma pessoa mais forte e corajosa.

Dois mil e dezessete chegou e já começou bem para mim. Logo em fevereiro, recebi notícia de que eu havia sido graduada em sétimo lugar, como terceiro sargento. Desde o começo do ano, já iniciei meus estudos. Neste colégio, aprendi que não é bom guardar assunto para estudar depois. Agora, em março, recebi a notícia de que vou fazer parte da Legião de Honra. Quero ter um grande futuro dentro e fora deste colégio. Sei que a formação e os valores que ele me proporciona levarei para toda a minha vida.



Ademais, creio que vou me lembrar de tudo o que o Nobre Cadinho fez e fará por mim. O mundo é cheio de desafio, mas com os valores que aprendo aqui no Nobre Cadinho conseguirei enfrentá-los. É desta forma que o colégio me prepara para a vida, assim, serei bem-sucedida. Considero minha missão transmitir aos outros esses mesmos valores que passaram por mim. O Colégio Militar de Salvador me moldou e continuará me moldando. Transformou-me na pessoa que sou hoje e na que serei amanhã, melhor do que era ontem. O meu futuro nesse colégio apenas começou...

Aluna: Carolina

Nº: 4221

Turma: 802



Segundo lugar:

Os valores e as virtudes que vivenciei na família garança

O sistema Colégios Militares funciona em mais de uma dezena de cidades brasileiras e em todas elas, sem exceção, esses colégios se destacam em relação aos outros colégios e escolas da região. São vários os fatores que contribuem para isso. Vamos nos ater apenas em um deles: as virtudes e valores que são ensinados aos alunos.

Antes de entrar no sistema Colégio Militar, eu achava que tudo era muito rígido, mas ao mesmo tempo, quando via minha irmã nas formaturas do Colégio Militar de Brasília, sentia admiração, tanto pelo uniforme, quanto pela elegância, marcialidade e disciplina dos alunos.

No ano de 2016, entrei no Colégio Militar de Salvador (CMS). Nossa! Como foi gratificante, entrar pelo Pátio dos Patronos, marchando, receber a boina, desfilar no 7 de Setembro, poder conduzir o Nicodemos, nosso mascote, vestir o uniforme garança, usar a túnica branca, ir para casa depois da aula e enquanto você está andando perceber que as pessoas estão lhe olhando com admiração, pois a sociedade sabe que o aluno do Colégio Militar é diferenciado. Todos os dias entrar em forma e poder bradar C - M - S, Pátria, Brasil! Vestir qualquer um dos uniformes é uma coisa que realmente me deixa emocionada, poder dizer que eu sou aluna do Colégio Militar de Salvador é para mim uma coisa realmente espetacular.

O meu maior sonho desde antes de entrar neste colégio e até hoje é ser graduada, ter alamar, e isso tudo porque sempre quis que meu pai se orgulhasse de mim e também porque eu quero ficar orgulhosa de mim mesma e vejo que depois que entrei no Colégio Militar, tenho a chance de fazer meu maior sonho virar realidade e para isso tenho me esforçado muito.

A banda de música do Colégio Militar é outra atividade linda que sempre levanta nosso astral, porque eles tocam de um jeito que, até mesmo, a música mais chata é uma melhor que outra.

Uma coisa que eu gosto muito nos colégios militares é a olimpíada interna, porque são os jogos amistosos entre as séries e por mais que você não ganhe nenhuma medalha é divertido de todo jeito. Tem todos os tipos de modalidades que você possa pensar, como: futebol, handebol, voleibol, basquete, queimada, atletismo, natação, etc. Aliás, o esporte é uma excelente ferramenta para desenvolver atributos, como camaradagem, união, disciplina, vibrar com as vitórias, aprender com as derrotas e outros.

Meus pais sempre me ensinaram a ser honesta, pontual, disciplinada, solidária, e o Colégio Militar reforçou esses valores e, em apenas um ano, graças



aos meus pais e ao Colégio Militar de Salvador, tornei-me uma cidadã mais justa, leal, patriota, camarada, que sabe respeitar os superiores, ser boa companheira, e isso tudo fez com que eu esteja me transformando em uma pessoa melhor.

Aluna: Júlia Fontes

Nº: 4287

Turma: 803



Terceiro lugar:

Ensinaamentos para a vida

Estudo no Colégio Militar de Salvador, há um ano, e acreditava que a maior emoção que esta escola poderia dar-me seria estar na lista de aprovados da seleção para estudar nesta instituição. Mal sabia eu, que aquele sentimento de imensa felicidade e satisfação, seria apenas o início de grandes emoções que como aluno dela, tenho sido prestigiado de tê-las.

Quando cruzei os portões pela primeira vez como estudante, senti-me inseguro diante do desconhecido, pois embora fosse meu terceiro colégio, esta era uma entidade militar. Algo novo e com regras desconhecidas. Não imaginava as surpresas que poderiam ocorrer. Hoje entendo quando o Hino ao Colégio trata deste como um Recinto Sagrado. Sagrado, pois aqui aprendemos que o ambiente e tudo o que pertence, como objetos e pessoas são valorizados e devem ser preservados!

Nunca pensei em sentir orgulho ao fazer a limpeza da minha sala de aula, mas isto me ensina a preservá-la e a valorizar também o meu lar e quem dele cuida. Aprendi também a cuidar de mim e que as minhas atitudes, educação e aparência refletem a minha escola. Sim! Pois, os nossos cuidados com a saúde, a disciplina, a postura, a limpeza e organização com o nosso fardamento, foram-nos orientados antes mesmo de iniciarmos as aulas, através da leitura do Regimento. Que bom que o conhecemos e aceitamos, pois hoje vejo que isto na realidade é um sinal de respeito comigo, com o colégio e com a sociedade.

Como ele é um colégio público, que recebe além de concursados, como eu, estudantes carentes e filhos de militares, estou tendo a oportunidade de conhecer a diversidade, tanto cultural como econômica e assim todos aprendemos e dividimos o nosso conhecimento. Assim, crescemos solidários e unidos. Lembre-se de que: Aqui é um quartel e sem união, não se vence guerra! No estudo, quem tem maior conhecimento sobre algo deve compartilhá-lo e não guardá-lo só para si. Aqui é um colégio, mas somos como uma família, cujo coração bate no ritmo Zumzarvalho, que somente nós entendemos o friozinho quando gritamos fortemente e unidos.

Os colégios militares prezam a meritocracia. Assim como existe a hierarquia entre militares; aqui existe um estímulo para adquirir conhecimentos, através de graduações, premiações que fazem com que até o aluno mais arredoio ao estudo sonhe e queira melhorar suas notas para um dia ver seus familiares emocionados com as palavras de elogio do Comandante e sentir que todo esforço valeu a pena.



Ao ser aluno do Colégio Militar estou aprendendo um sentimento que não havia ainda brotado em mim. O amor à pátria, à bandeira, ao nosso país e ao sentimento positivo de que faço parte deste conjunto de brasileiros que quer um futuro melhor não só para si, mas para o Brasil.

Aluno: Briant

Nº: 421

Turma: 701



46º Concurso Internacional de Redação de Cartas – Correios: 3º Colocado do Estado da Bahia

Tema: *“Imagine que você é um(a) assessor(a) do novo Secretário Geral da ONU – Qual é o problema mundial que você o ajudaria a resolver em primeiro lugar e de que forma você o aconselharia para isso?”*

Mundo do respeito, 15 de março de 2017.

Excelentíssimo Senhor António Guterres,

Venho por meio desta carta, apresentar-me enquanto seu assessor e salientar sobre os diversos problemas existentes no mundo. O senhor, na qualidade de Secretário-geral da Organização das Nações Unidas, está a parte de todos infortúnios de que necessitam de intervenções políticas imediatas. Todavia, não é possível resolvê-los na velocidade desejada.

Como é sabido, as crianças representam o futuro da humanidade, e nós, adultos, somos os responsáveis por garantir o cumprimento de seus direitos, porém é notório que inúmeras vezes, os mesmos são desrespeitados. Por esse motivo, gostaria de aconselhá-lo a dar prioridade à resolução das guerras que afetam diretamente os petizes. Dentre elas, as da Síria, Iraque, algumas localidades da África e outras tão preocupantes quanto.

Nesses locais, que infelizmente tornam-se campos de batalha, ocorrem incomensuráveis violações à Declaração Universal dos Direitos das Crianças, que são diariamente submetidos aos horrores e carnificinas sem fim, abusos e explorações sexuais, além de terem o acesso à saúde e à educação comprometidos. Conseqüentemente, sequelas mentais e físicas irreversíveis desenvolvem-se, dificultando ainda mais a vida dessas vítimas, que normalmente encontram-se feridas, sem-teto ou família, entretanto não perdem a esperança.

Muitos fomentadores das guerras recrutam menores de idade para o combate, exercendo funções como: carrascos, suicidas e carcereiros. Ocasionalmente assim, na perda da infância e dos sonhos, os quais são ofuscados pela busca da sobrevivência. Dessa forma, fica evidente o sofrimento de uma parcela frágil e inocente da população mundial.

Grande parte dos enfrentamentos da história resultaram da intolerância religiosa, porque o ser humano não respeita as opções doutrinárias do outro. Esses fanáticos radicais, juntamente com outros fatores afugentam a população do país de origem, provocando um êxodo em larga escala. Por causa dessa fuga são intitulados refugiados, que migram para países em paz, onde sofrem com políticas



sectárias.

Todos os embates de qualquer cunho somente só serão findados no momento em que o amor ao próximo faça parte da natureza humana. Isso acarretará na comunhão entre os homens, fazendo com que os mesmos se respeitem mutuamente. Assim, reconhecerão que todos, independentemente de suas diferenças e divergências merecem ter seus direitos respeitados.

Sabemos que a ONU foi criada em 1945, logo após a 2ª Guerra Mundial, o maior conflito armado até os dias atuais. Nosso intuito é tomar medidas coletivas (já que somos formados por 193 países-membros) eficazes para prevenir e afastar ameaças à paz e reprimir os atos de agressão. Por esse motivo, reitero meu pedido de que o senhor e todos os simpatizantes desta renomada e importante organização tenham um olhar mais atencioso nos prejudicados desses confrontos, principalmente, a classe infanto-juvenil.

Aluno: Matheus Luquini

Nº: 4112

Turma: 801



Primeiro lugar a nível nacional:

Guardiões da Nação

Em vestes brancas, como as espumas das ondas do mar, navegando em meio marinho, fluvial, aéreo ou em terra firme, os membros da Força Armada mais antiga do país, a Marinha do Brasil, provam o seu valor e demonstram seu comprometimento para com a Nação. A principal missão constitucional dessa renomada instituição é preparar e empregar o Poder Naval para defender a Pátria e, nesse contexto, estão as terras do continente e a Amazônia Azul, sendo esta última correspondente a praticamente metade do Brasil, com seus quase 4,5 milhões de km² de área.

A Amazônia Azul é de grande relevância econômica por possuir inúmeras reservas naturais e minerais, como a conhecida província do Pré-sal. A exploração dessa reserva de petróleo e gás natural em águas profundas coloca o Brasil em uma posição estratégica frente à grande demanda de energia mundial e possibilita ainda a criação de emprego e renda. Sua segurança é essencial para o futuro do país, como também para a preservação da riquíssima biodiversidade presente em águas pátrias.

A contínua fiscalização das águas jurisdicionais previne a ação de navios pesqueiros ilegais, pois alguns países não reconhecem as águas nacionais protegidas pela Força Naval, ou seja, acham-se no “direito” de explorar seus recursos. Essa vigilância também inibe a prática da pirataria, que ocorre em alguns países do continente africano, protegendo os navios mercantes e garantindo o equilíbrio comercial. Vale ressaltar que 95% das exportações brasileiras ocorrem por meio marítimo.

Dentre as atividades exercidas pela Marinha do Brasil, as missões humanitárias no Haiti e Líbano, em parceria com a Organização das Nações Unidas, e as ações de assistência hospitalar e cívico-social às comunidades ribeirinhas na Amazônia Legal, através dos chamados pela população local de Navios da Esperança, são pouco conhecidas pela sociedade. Essas missões, que dispensam arsenais e se armam de paixão, retratam o que há de mais belo nos seres humanos, a solidariedade. Sejam eles desabrigados haitianos, refugiados libaneses ou famílias ribeirinhas, os bravos marinheiros os assistem de forma abnegada e filantrópica, levando esperança para essas pessoas.

Aos que menosprezam essa Força, basta apontar para o ano de 1865, no qual, com efetivo mínimo de navios à vela e a vapor, junto aos outros membros



da Tríplice Aliança, a Marinha do Brasil venceu a Batalha Naval de Riachuelo. Se com esse escasso poder bélico a instituição cumpriu seu dever, com a atual frota, superior a cem embarcações, entre navios patrulhadores, porta-aviões, submarinos, corvetas, fragatas, entre outros, e com apoio de modernas aeronaves e blindados, somados aos incansáveis marinheiros e fuzileiros navais, possíveis inimigos devem temer o Poder Naval brasileiro, pois esse assegura a integridade e a soberania nacional.

Por fim, sabe-se que as embarcações são constituídas de aço, ferro, óleo e de todo um aparato bélico e tecnológico, mas a alma do navio são as pessoas, seus tripulantes, que, mesmo diante de todas as dificuldades de caráter familiar e social, enfrentam com entusiasmo e dedicação as mais diversas operações. A Marinha do Brasil só detém essa eficiência institucional graças a esses nobres e corajosos militares, as sentinelas do mar, guardiões da Nação, pois, assim como diz um trecho do Hino da Escola Naval: “Nós somos os sentinelas dos mares do glorioso Brasil”.

Aluno: Matheus Luquini

Nº: 4112

Turma: 801



Progressão Marítima

A Marinha do Brasil é importante órgão para a determinação do progresso do país desde a sua criação. Com a proteção do litoral do país da invasão de estrangeiros e sua participação em guerras, como a da Tríplice Aliança, colaborou com o desenvolvimento nacional, tanto na área científica, quanto na área bélica/militar.

A Escola Naval, como alicerce formador da marinha brasileira, tem sido referencial em engenharias para o país, corroborando com o potencial científico dessa força nacional. Destarte, o Brasil, em conjunto com tecnologia alemã, conseguiu produzir um submarino nuclear em território nacional, além de construir seus próprios navios no Arsenal de Marinha, localizado no Rio de Janeiro. Além disso, está constantemente investindo em pesquisas científicas na Ilha da Trindade, garantindo avanços para o Brasil.

Ademais, a Marinha teve papel importantíssimo na Guerra do Paraguai, isto é, comandantes como o Barão de Melgaço impediram o avanço paraguaio pelo Mato Grosso e garantiram a vitória brasileira. Mais tarde, durante a Segunda Grande Guerra, a instituição supriu o campo de batalha e enviou os heróis “pracinhas” para lutar pela pátria.

Em terceiro lugar, a Marinha realiza a manutenção da soberania nacional. Com a Amazônia Azul, a proteção jurídica e dos recursos naturais está garantida. Já com projetos como o *Caminhos para a cidadania*, a Marinha auxilia e incentiva a integração social, além da importante participação da família naval no apoio às pessoas ribeirinhas da Amazônia, provendo comida, estrutura e assistência médica.

Outro fator importante são as ações da Marinha no exterior. Reconhecida pela ONU pelo seu trabalho de excelência no Haiti, sendo o maior contribuinte de tropas para a estabilização da situação. Além disso, desde 2011, a Marinha vem comandando atividades no Líbano pelas Nações Unidas.

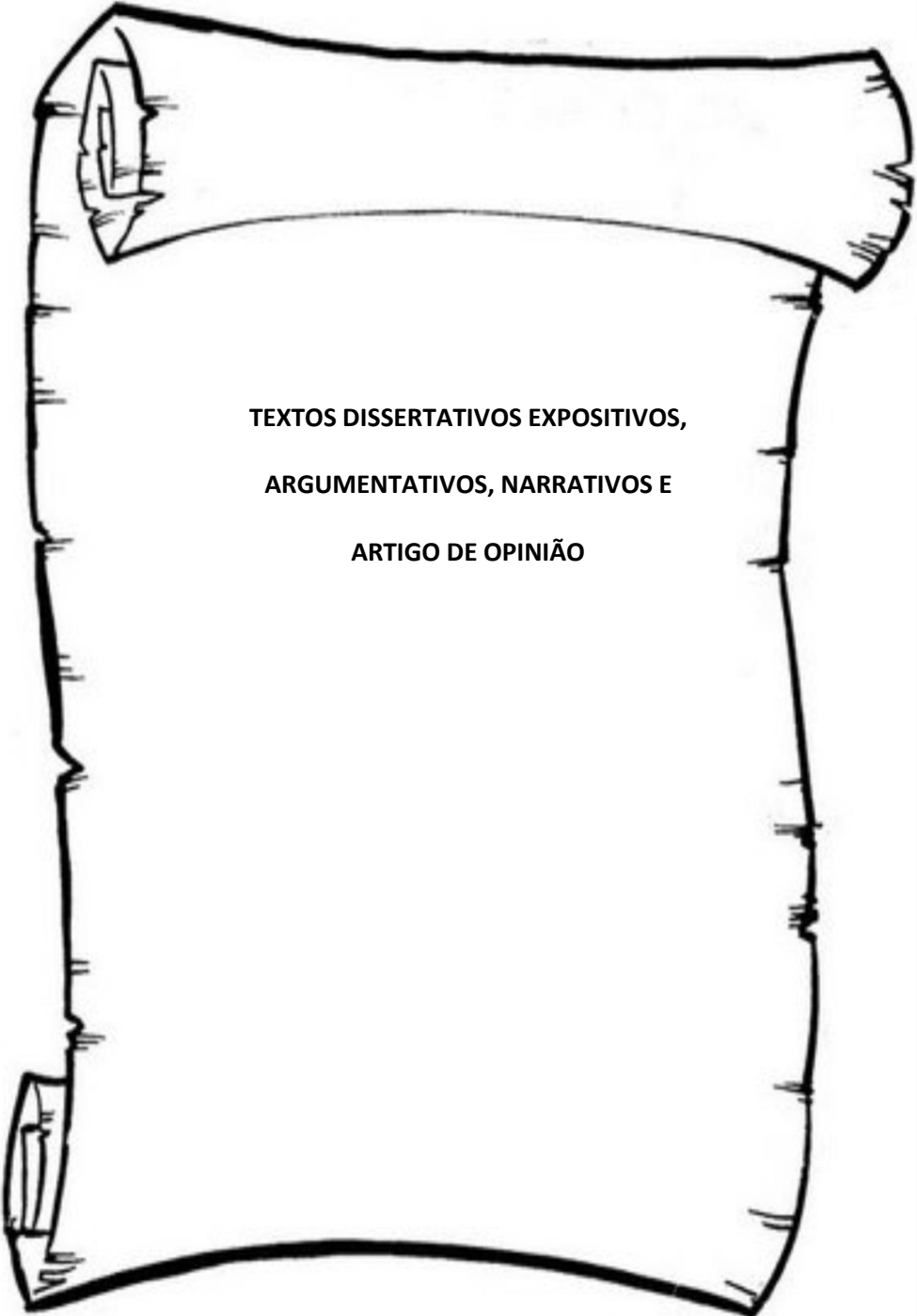
Por tudo isso, a força naval brasileira é de notória importância para o desenvolvimento e reconhecimento do Brasil internacionalmente. Pelo seu envolvimento nas áreas científica, bélica e social, a Marinha do Brasil contribui diariamente para o progresso de toda a nação.

Aluno: Soares

Nº: 3338

Turma: 302





**TEXTOS DISSERTATIVOS EXPOSITIVOS,
ARGUMENTATIVOS, NARRATIVOS E
ARTIGO DE OPINIÃO**

Gênero/tipo: artigo de opinião

Tema: “Pichação: expressão artística ou vandalismo?”

Eu existo!

A problemática da pichação veio à tona no início desse ano, quando o prefeito da cidade de São Paulo ordenou que muros pichados na capital fossem repintados com um tom acinzentado para “uniformizar” aquelas paredes que estavam “poluídas” e “confusas”. Mas será que por apresentarem uma linguagem diferenciada, podemos classificar as pichações como inapropriadas?

Inicialmente é preciso compreender o contexto em que as pichações são feitas. Elas são criadas, principalmente, por jovens da periferia – “invisíveis” na sociedade em que vivem – que tentam se manifestar com um grito angustiado de “eu existo!”, disfarçado de letras ou desenhos estilizados. Tais manifestações podem até não ser plenamente entendidas pelo público que as observa, mas, nem por isso, elas se tornam insignificantes ou criminosas.

Vivemos em um país contraditório: legalmente livre, democrático e que admite diversas formas de expressão; todavia, ele apresenta um ínfimo incentivo à arte e, em vez de se preocupar com crimes ambientais graves (como a emissão de gases tóxicos por indústrias ou o despejo de esgoto em mares), criminaliza pichações que são exemplos claros de expressão artística e cultural.

O que ainda é mais contraditório é desejar “uniformizar” um país tão heterogêneo (culturalmente e economicamente), “acinzentar” pessoas tão coloridas e criminalizar artes tão belas. Em razão disso, não devemos bater palmas para o prefeito de São Paulo e sua *excelente* tentativa de calar aqueles que já não têm voz.

Aluna: Gabriela Lima

Nº: 3483

Turma: 202



As redes intolerantes

No nosso mundo globalizado e conectado, passar mais do que 6 horas sem a utilização da internet é quase insuportável para a maioria das pessoas. As redes sociais podem servir de entretenimento em uma manhã mórbida de domingo, por exemplo, mas é difícil encontrar uma única pessoa que afirme não ter nenhuma foto constrangedora “vazada” por algum “amigo” do *Facebook*. Afinal de contas, a utilização da internet nos faz bem ou mal?

Com a *web*, podemos disseminar pensamentos, projetos e ideias; interagir com amigos que moram a quilômetros de distância; ter acesso rápido a qualquer tipo de conhecimento, além de denunciar uma realidade ou acontecimento para pedir ajuda. A partir dessas possibilidades, podemos afirmar que aqueles que utilizam a internet podem trazer diversos benefícios à sociedade. Por outro lado, o poder de se sentar atrás da tela do computador pode causar problemas para outros “surfistas” da “net”.

Apoiados na ideia de que “na rede vale tudo”, muitos indivíduos se tornam intolerantes e se colocam em uma “bolha social” – convivem apenas com aqueles que concordam com seus pontos de vista. Esses usuários utilizam vocábulos ofensivos de baixo calão nas páginas que apresentam argumentos discordantes dos seus; humilham outras pessoas, através de discursos de ódio – muitas vezes, machistas, racistas ou homofóbicos; além de divulgarem fotos e vídeos constrangedores ou comprometedores de terceiros.

Para impedir a disseminação de preconceitos e para que menos pessoas sejam prejudicadas pelo uso indevido da internet, leis mais rígidas com relação a crimes virtuais devem ser implementadas. Além disso, as escolas (que abrigam diversos internautas) devem fornecer aulas sobre o bom uso da internet; afinal de contas, não vale tudo na rede!

Aluna: Gabriela Lima

Nº: 3483

Turma: 203



Colcha de retalhos

Nos últimos tempos, o termo apropriação cultural virou sinônimo de polêmica. De um lado, temos uma minoria étnica lutando contra a massificação de seus legados culturais; do outro, a classe dominante defendendo seu direito de vestir e usar o que bem entender. Seria então a apropriação cultural uma agressão ou algo inevitável no novo mundo globalizado?

No Brasil, um dos mais recentes casos em discussão é o da garota branca repreendida por negras ao usar turbante. O ponto de vista defendido pelas mulheres do metrô é que turbantes, *dread*, e outros itens da cultura afro são símbolos do orgulho negro, representam uma causa e um povo oprimido, e não devem tornar-se um simples adereço da moda. É bem verdade que a mídia aproveita tudo que possui potencial comercial, transformando em produto. É a massificação cultural, outro mal da sociedade moderna. Ao tornar-se massificado, o símbolo de resistência de uma minoria oprimida perde seu significado.

Porém, é possível escapar da massificação cultural? E se possível for tornar uma cultura propriedade privada de uma única etnia não seria uma forma de estimular uma segregação, uma separação de raças? E essa não é justamente a grande causa das minorias: a igualdade?

Num país tão miscigenado como o Brasil, tentar separar a cultura negra da branca seria algo ilógico e até mesmo uma ofensa a nossa história. A arte, a religião, a culinária, os costumes, enfim, basicamente toda a cultura brasileira é fruto da convivência de negros, brancos, negros e vários outros povos que, ao dividir o território, dividiram também seu saber e modo de vida, aprendendo uns com os outros ao ponto de virar uma nação. No Brasil, assim como em muitos lugares, a apropriação cultural foi algo inevitável, e, como todo acontecimento teve consequências negativas e positivas, mas que, sem dúvida, resultou na formação de uma nova cultura, especial ao seu modo colorido de colcha de retalhos.

Aluna: Jéssica Bastos

Nº: 3537

Turma: 202



A reforma é mesmo a solução?

A educação é um dos pilares fundamentais para a boa formação de um cidadão. É a partir da escola que o indivíduo descobre sua vocação e decide o seu futuro, sua profissão.

A reforma proposta para o Ensino Médio prevê que o aluno possa escolher as disciplinas que vai estudar, a partir de suas afinidades. Dessa forma, os estudantes se tornariam mais especializados para entrar no mercado de trabalho, o que, em tempos de crise no país, torna-se uma vantagem, mesmo que muitos dos alunos do Ensino Médio não sejam maduros o suficiente para tomar essa decisão.

Mas, dessa forma, conseguiremos, realmente, solucionar os problemas da educação? Os péssimos resultados obtidos pelos alunos vão bem mais longe do que a quantidade e organização das disciplinas.

Essa situação é claramente visível na maior parte das escolas públicas estaduais: falta de professores bem formados e pouco investimento do Estado em infraestrutura e materiais didáticos para os colégios, e isso, muitas vezes, acaba por desmotivar os jovens a estudar.

Portanto, antes de pensarmos em reformar o Ensino Médio, deverá haver uma profunda mudança em toda a educação do país, como por exemplo: melhorias nas estruturas e capacitação de professores, principalmente. Dessa forma, existirá um maior equilíbrio no futuro da população e desenvolvimento do país.

Aluna: Ana Maciel

Nº: 3541

Turma: 205



Desenvolvimento descartável

Em 1992, na Eco-92, houve uma reunião de países de todo o mundo para tratar de questões ambientais; foi consolidado o conceito de "desenvolvimento sustentável", relativo à promoção do crescimento socioeconômico sem impactar tão negativamente no meio ambiente. Porém, com o crescimento do capitalismo, concomitante à falta de informação e, muitas vezes, descaso social, a produção de resíduos vem crescendo, sem seu correto descarte.

O capitalismo, com seu ideal de acúmulo de lucro, criou o que se conhece hoje como "obsolescência programada". Isso consiste na redução proposital da durabilidade de produtos, fazendo com que os consumidores, influenciados fortemente pela propaganda, consumam cada vez mais e sem necessidade. Assim, há um aumento na produção de lixo, principalmente, eletrônico - que possui metais pesados, como chumbo, mercúrio e zinco -, que não é descartado corretamente, poluindo, conseqüentemente, o solo e, muitas vezes, rios e oceanos, prejudicando ecossistemas diversos.

Apesar de ser constitucional que empresas recebam os resíduos de seus produtos, muitas ainda os descartam incorretamente. Além disso, há quem desconheça a lei e quem faça pouco caso da questão sustentável, descartando o lixo incorretamente, sem separar o lixo seco do lixo úmido, por exemplo, o inorgânico do orgânico; despejando óleo nas pias, misturando lixo hospitalar com recicláveis, etc. O descarte correto e separação do lixo é de suma importância para o processo de reciclagem - utilização de matéria-prima de produtos x para formar produtos y -, tornando-o viável e muito mais barato, reduzindo o acúmulo de lixo em aterros e lixões.

Levando-se em conta a forte influência capitalista, o descaso social e a falta de informação, sugere-se que seja incentivado o uso dos 5Rs, em específico "Replanejar", "Recusar" e "Reduzir", relativos a um pensamento consciência de consumir conforme necessidade. Para isso, é necessário que seja estimulada a reciclagem e o pensamento em casa, em escolas e em empresas, com atividades, palestras e projetos, contribuindo para a construção de um ambiente melhor para todos.

Aluna: Fernanda Pedroso

Nº: 3467

Turma: 303



Permissão para colorir o cinza

Em diversas cidades do Brasil, principalmente, nas mais populosas, como São Paulo e Rio de Janeiro, é comum encontrar muros, monumentos e paredes de prédios pichados ou grafitados, destacando-se nas cidades dominadas pelo cinza.

No decorrer deste ano, o prefeito de São Paulo, João Dória, vem apagando essas pichações e sendo fortemente criticado por isso. Mas ele está errado? Os pichadores estão certos em utilizar monumentos e muros como tela para manifestar seus sentimentos?

Por mais que as pessoas devam ter a liberdade de se expressar, não devem pintar ou escrever em algo que não lhes pertença, por mais que a obra seja ou não considerada bonita. Muito menos devem fazer isso em monumentos ou construções históricas, que devem ser tratados e conservados pela prefeitura e respeitados pelos cidadãos.

É certo que estar andando em meio ao mar monocromático da cidade e se deparar com uma obra colorida é, muitas vezes, agradável e estimula o próprio gosto dos cidadãos pela arte, mas se ela é feita em um local indevido como um monumento ou uma propriedade privada, pode muito bem ser considerada vandalismo.

Portanto, o pichador ou grafiteiro pode, sim, se expressar, mas deve respeitar os patrimônios históricos e culturais e as propriedades privadas, buscando a permissão do proprietário ou do governo, no caso de uma área pública, para expor sua arte e colorir a cidade.

E para evitar a pintura de locais indevidos, a prefeitura pode oferecer uma área própria para isso, como é comum no exterior, incentivando, assim, essa nova forma de arte.

Aluna: Ana Maciel

Nº: 3541

Turma: 203



O que está atrás das grades?

O prisioneiro que é brasileiro e pobre é visto como um indigente. Enquanto está detido, ele não tem acesso aos direitos básicos que todo ser humano deveria ter, além de sofrer alienação na cadeia. Logo, a precariedade do sistema prisional no Brasil afeta sua identidade cultural.

Estes detentos do “verde e amarelo” não são respeitados. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, todos têm direito à alimentação, à saúde, à segurança e à educação, mas o preso da Pátria não tem isso: vive com fome, doente, marcado por sinais de combate e sem poder ler, ao menos, um livro. Portanto, o presidiário sem riquezas não é humano para o Governo.

A vida atrás das grades leva ao controle ideológico do indivíduo. Um simples coitado, que roubou um pacote de biscoitos para sobreviver, entra na prisão e sofre influência de facções criminosas, e já que não tem acesso à educação, segue as ordens dos líderes de gangue, sem mesmo questionar, o que nos leva a Sócrates: “Só pensa quem existe”. Dessa forma, a pessoa se afasta mais ainda da sociedade brasileira.

Porém, são os próprios presidiários que causam esses problemas. As guerras entre grupos internos trazem a deterioração do presídio e são financiadas por mafiosos que corrompem os agentes carcerários através de dinheiro (já que seus salários são baixos e o trabalho é árduo). Então, a crise existe, e se mantém, devido aos defeitos em ambos os lados.

Sendo assim, o preso das terras tupiniquins não é reconhecido pelo Governo Federal. Como solução para esta crise, é necessário a construção de novas instalações carcerárias, com infraestrutura adequada, pelo poder executivo, o aumento do salário dos agentes penitenciários pelo legislativo e o ensinamento (por políticos, pais e professores) de valores como honestidade e lealdade para a população jovem que vive em comunidades.

Aluno: Luis Santana

Nº: 3732

Turma: 104



A busca pelo possível

A mulher tem se tornado um importante componente da sociedade, sobretudo a partir da conquista de alguns direitos, como o voto, instaurado no século XX. Obviamente, é perceptível a obtenção da igualdade entre os gêneros, mas, mesmo com as leis que condenam a violência contra a mulher e sua entrada no mercado de trabalho, ainda sofre com o preconceito, principalmente pelo gênero masculino.

O Brasil é um dos únicos países que adotou uma lei contra a violência para a mulher (Lei Maria da Penha); delegacias especializadas para o gênero, além de criar um disque denúncia (180) para deixá-las se expressarem caso alguém as machuque. Isso coloca o país à frente de outros que são subdesenvolvidos. Entretanto, segundo dados do Ipea, “a cada 90 minutos uma mulher é assassinada” e de acordo com o Mapa da violência, “a cada 10 minutos, uma mulher é estuprada”. Isso nos mostra como o feminicídio (a morte de mulheres) é alto e que mesmo com uma política rígida, ela não é efetiva.

A ascensão da mulher no mercado de trabalho deve-se a conquistas obtidas desde o século XIX, em que as mulheres fizeram passeatas em busca de melhores condições de trabalho, pois eram abusadas sexualmente por seus patrões, recebiam chicotadas; o ambiente de trabalho era sujo, entre outros. Hoje, a condição é bem melhor, mas a remuneração da mulher ainda é inferior ao homem; “cerca de 30%”, de acordo com o BID, o que afirma a desigualdade existente.

Embora, a sociedade critique a ação das feministas ao dizer que as mulheres já obtiveram muitos direitos, os crescentes casos de assédio (como o caso da menina de 12 anos num programa de televisão), o preconceito existente só pela mulher ser uma mulher, a crítica a tudo que fazem, vestem ou agem, mostra que é preciso sim, lutar pelos seus direitos.

Não é preciso uma simples conscientização por parte da sociedade ou colocar a culpa nos agentes governamentais, e sim, a realização de práticas educacionais nas escolas desde cedo, para que quando estas crianças cresçam possam ter entendimento da igualdade dos gêneros.

Aluna: Larissa

Nº: 3942

Turma: 103



A luta não pode parar!

A discussão sobre a condição da mulher brasileira na contemporaneidade vem ganhando cada vez mais espaço e é importante destacar que, apesar de que já houve algumas conquistas, a situação social do sexo feminino ainda não é igual à situação dos homens, sendo o feminismo uma ferramenta para alcançar a equidade entre os gêneros. Essa desigualdade fica clara em estatísticas que mostram o aumento dos casos de violência contra a mulher e se fortalece devido ao desconhecimento de certas pessoas a respeito do real significado do feminismo, e acabam deturpando e atrapalhando a causa.

Segundo dados de 2015, da Central de Atendimento à Mulher, os casos de violência cresceram 44,74% em relação ao ano anterior. Foram registradas 76.651 denúncias, sendo 50,15% desse número referente a agressões físicas. Além disso, foram retratados aproximadamente 9 casos de estupro por dia. É, ou pelo menos deveria ser, inaceitável ouvir estatísticas tão reveladoras e tristes em pleno século XXI e ver que ainda há descaso por parte de autoridades e da população em geral.

Em uma jornada rumo à redução das estatísticas anteriores, uma ideologia: feminismo. Esse movimento visa conquistar o acesso a direitos iguais, porém a falta de informação de algumas pessoas, que, muitas vezes, pensam que feministas querem a morte dos homens, faz com que o entendimento entre ambas as partes seja dificultado, resultando até na criação de “movimentos antifeministas”, o que teoricamente reafirmaria o apoio à superioridade masculina.

Embora algumas pessoas falem que homens e mulheres têm os mesmos direitos já que “está na lei”, a realidade é completamente diferente. Milhares de profissionais ainda recebem salários inferiores somente por serem do sexo feminino, adultas e até mesmo garotas adolescentes ainda escutam diariamente frases como, “ô lá em casa” ao andarem em calçadas; muitas outras são julgadas e taxadas de imorais por causa de suas roupas e isso ocorre diante dos nossos olhos. Então não se trata do que está na lei, e sim do que realmente acontece.

Portanto, diante da situação ainda lastimável das mulheres, é necessário que haja uma reformulação na educação escolar e familiar sobre o respeito ao sexo feminino; é preciso haver um envolvimento e interesse maior da mídia em parar de divulgar conteúdo machista como certas músicas e programas e, agora, mais do que nunca, ambos os sexos devem se unir à causa feminista e lutar por uma sociedade justa.

Aluno: Jonatas

Nº: 3703

Turma: 102



Uma luta que ainda não pode cessar

Desde o início dos tempos, a mulher é tratada diferentemente do homem. A cada nova época, sua condição vem mudando e, por vezes, melhorando, como é visto no Brasil da contemporaneidade. Hoje, ela conquistou, após inúmeros embates, vários direitos que tornam sua vida muito melhor e livre, muito embora ainda sofra com algumas situações que já deveriam ter sido erradicadas. A luta pela equidade entre os gêneros já conquistou muito, mas ainda não pode parar.

Tempos atrás, elas eram vistas como figuras subservientes e inferiores aos homens, mas a história humana recente nos prova o contrário, como nas lutas das sufragistas. Graças à determinação dessas verdadeiras guerreiras, o gênero feminino conta com inúmeros direitos e leis que o protegem, permitindo-lhe uma vida independente dos homens e do casamento, já que elas podem trabalhar, estudar e fazer o que lhes for conveniente sem precisar da permissão dos homens.

No entanto, infelizmente, as moças ainda sofrem com alguns problemas que persistem insistentemente desde sempre, como o forte monitoramento social, que restringe, em parte, os direitos individuais delas, como por exemplo: o de escolher certas peças de vestuário sem sofrer críticas, além da ocorrência dos cada vez mais noticiados casos de violência sexual, seja na forma de assédios ou, mesmo, de barbaridades como estupro coletivos.

Há quem diga, contudo, que as mulheres já vivem em pé de igualdade com os homens. O problema é que mesmo com a imensa melhoria na vida feminina e com a adoção de leis que as defendam, como a Maria da Penha, elas, ainda assim, são consideradas inferiores por alguns homens de mente extremamente primitiva, o que causa, além da óbvia violência sexual, uma diferenciação de cerca de 25,6% na renda obtida por exercer a mesma função, segundo dados da CEPAL, além de serem minoria na política.

Portanto, ainda que a condição da mulher brasileira seja muito melhor que no passado, ainda há muito a se conseguir. Mais delas devem aprender que possuem direitos assegurados por lei e a defendê-los, e o governo deve aliar-se com os veículos de mídia para elaborar campanhas de conscientização que levem as pessoas a amadurecer a ponto de compreender que lavar a louça, passar as roupas e cuidar dos filhos é função de ambos os gêneros, e isso deve ser feito o quanto antes.

Aluno: Roger

Nº: 3720

Turma: 101



A batalha feminina é uma luta de todos

O que é ser mulher atualmente? Resposta pessoal. Não há certo ou errado, porque a mulher é plural. Mas, em uma coisa as brasileiras concordam: a condição feminina nos dias de hoje é de luta constante, pois enfrentamos dificuldades todos os dias e a equidade desejada ainda não foi alcançada.

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública afirmam que, em 2014, a cada 11 minutos uma mulher foi vítima de violência sexual. Para piorar, temos os casos de violência doméstica, que representam grande parte das causas de feminicídio. Isso prova a violação de dois direitos fundamentais do ser humano: o de viver e o de ir e vir, já que a insegurança rodeia as ruas e o ambiente domiciliar.

No entanto, os problemas diários não se resumem a isso. Apesar das conquistas recentes, como a independência, o espaço na sociedade e a ascensão no mercado de trabalho, há um longo caminho a ser percorrido. A quantidade de mulheres ocupando cargos de nível superior é baixa, os salários são proporcionalmente inferiores aos dos homens e sua competência é, muitas vezes, colocada em xeque. Além disso, a representatividade feminina no governo é mínima.

Embora sejamos todos iguais perante a lei, a princípio, e o homem também enfrente adversidades como a violência, os contextos são diferentes. Eles são mortos por causa da sua raça, da pobreza ou da opção sexual, mas nunca devido ao seu gênero; aposentam-se mais tarde, mas não são responsáveis pela casa ou pelos filhos. Um homem, quando sai à rua, não teme ser violentado. Portanto, falar de isonomia ainda não é tratar sobre equidade de direitos.

Para que a batalha das mulheres se torne menos árdua e longa, é necessário começar educando as crianças, erradicando o conceito de “coisa de menino” e “coisa de menina” e ensinar os meninos a respeitar as meninas em vez de falar o que pode e o que não pode para elas. Outro veículo de transformação é a mídia, que atualmente perpetua determinados estereótipos femininos, o que precisa ser corrigido. Além disso, é indispensável reforçar políticas para que a segurança da mulher seja de fato garantida.

Aluna: Luísa Sampaio

Nº: 3731

Turma: 102



Altruísmo: uma alternativa evolutiva viável

O individualismo e o imediatismo são características marcantes do mundo contemporâneo. Todavia, embora exista o egoísmo, o ser humano possui potencial para o altruísmo. Optar por agir altruisticamente, inclusive nos faz bem.

Constatamos o comportamento individualista em nossa sociedade quando cometemos desde pequenos gestos, como furarmos a fila ou recebermos dinheiro a mais no troco e não devolvermos, até grandes esquemas de corrupção. Nos danos ambientais gerados por grandes empresas, por exemplo, notamos uma decisão imediatista de valorização do lucro, em detrimento de um pensamento a longo prazo e altruísta, sobre a necessidade de preservarmos o mundo para as próximas gerações.

Entretanto, temos tanto potencial para destruir e fazer o mal, quanto para construir e fazer o bem. Pesquisas recentes mostram que desde bem cedo na infância estamos programados para cooperar e ajudar.

De acordo com estudos de Peter Richerson e Robert Boyd, autores do livro “Not by Genes Alone”, a prática do altruísmo acarreta aumento dessa capacidade na nossa disposição natural. A partir desta pequena transformação individual, podemos estimular uma transformação coletiva e, através da educação e da reprodução dos bons exemplos, transmitir essa evolução cultural às próximas gerações. Desta forma, podemos evoluir, no futuro, para uma sociedade mais cooperativa e altruísta.

Segundo a psicóloga alemã Tania Singer, autora do livro digital “Compaixão: Estabelecendo pontes entre a prática e a ciência”, investigações científicas revelam que o exercício da compaixão reduz a quantidade de cortisol, hormônio relacionado ao estresse; e imagens de ressonância magnética do cérebro, mostram que atos de bondade estimulam os centros de prazer. Pessoas altruístas tendem a serem mais saudáveis, mais felizes, mais populares e mais bem-sucedidas.

A prática do altruísmo é uma questão de motivação, escolha e treino. Se quisermos mudar a sociedade, precisamos começar com nossa própria mudança, e transmitirmos ela para nossa família, e assim por diante, até atingir uma proporção global. Precisamos pensar a longo prazo e cultivar o amor altruísta em nossos corações.

Aluno: Sacramento

Nº: 3948

Turma: 902



O altruísmo: termo quase esquecido no mundo atual

No mundo contemporâneo, em que a disputa está cada vez mais presente na vida das pessoas, o companheirismo e as boas ações feitas em prol “de todos” são cruciais para um maior desenvolvimento. Entretanto, em meio a uma economia globalizada, o individualismo e o egoísmo ofuscam a imagem do altruísmo.

Como pode-se perceber, atualmente, a concorrência já é algo comum no dia a dia, principalmente com relação ao mercado, setor em crescimento acelerado. A partir de tal entendimento, já seria uma tendência ou instinto do ser humano unir-se a fim de superar o conseqüente aumento da rivalidade, realizando e organizando ações que também facilitassem o futuro do grupo. A exemplo da época antiga, quando os impérios e seus exércitos formavam alianças com o objetivo de superar um inimigo ou dificuldade maior; o que esclarece a importância dessa espécie de “tática”.

No entanto, no mundo atual, as pessoas criam “bolhas” em torno de si mesmas, fugindo da realidade vivida pelos demais e realizando ações que apenas lhe beneficiem naquele momento, demonstrando seu pensamento individualista e uma grande dificuldade para o planejamento de medidas que melhorem seu futuro. Tais características que já simplificam o que é o capitalismo moderno, que age, através da globalização, de maneira cruel tornando as pessoas mais egocêntricas; sintetizando a morte da “cultura do sacrifício”.

Através da exposição de tais fatos, é necessário destacar a importância de realizações que estimulem a camaradagem com o objetivo de estourar as “bolhas humanas”. Desta forma, estas medidas são a principal maneira de tornar as pessoas mais conscientes e restaurar o instinto natural do altruísmo mesmo em meio a um mundo globalizado.

Aluno: Gustavo Oliveira

Nº: 4133

Turma: 901



Sozinhos em meio à multidão

No mundo contemporâneo, cresce, na sociedade, o pensamento individualista; e embora (há que diga) ele seja importante para que se tenha senso de identidade, é cada vez mais comum vê-lo exacerbado – correm soltos o egoísmo, a falta de compaixão e a inveja, frutos de aparente desapego para com os demais.

É compreensível, entretanto, que as pessoas passem a pensar mais em si mesmas – afinal, a economia globalizada acirra a concorrência, e, por conseguinte, o sentimento de competitividade num geral, que pode, por sua vez, acabar falando mais alto que o “espírito esportivo”. Enxerga-se, então, em vez de outros membros de um mesmo coletivo, competidores, possíveis obstáculos no caminho do sucesso; e isso está enraizando-se no meio cultural e se tornando parte do que passamos às novas gerações. A desconfiança em relação ao próximo é outro fator que, originado devido a tais circunstâncias, contribui para a manutenção desse cenário – não mais se pode baixar à guarda, visto que qualquer um representa uma ameaça em potencial.

Apesar disso, há, sim, exemplos de inegável altruísmo na atualidade – temos ONGs que trabalham para o bem de minorias ou populações carentes, sem que haja, necessariamente, benefício próprio em retorno; grupos que contribuem, do jeito que podem, em prol de um futuro distante, que vai bem além do que poderão desfrutar (sejam pesquisadores, ambientalistas), mas de modo que outros o possam fazer. Ainda que pontuais, devem servir de modelo comum, pois que representam pequenas vitórias sobre o “presentismo” que se observa hoje em dia, e hão de levar, se continuadas com empenho, a uma realidade melhor.

Em suma: a abnegação e o planejamento a longo prazo, como consequência do próprio contexto em que vivemos, vêm perdendo espaço (e de vários modos) – mesmo que existam demonstrações destes, são escassas e enfrentam grandes barreiras ante a seus objetivos. Todavia, promova-se maior abstração, como no pertencer a uma comunidade, e uma educação que procure fazer dos jovens mais preocupados com o social, e menos consigo mesmos, poderemos, um dia, reverter esse quadro; para tal, é necessário que todos cooperemos.

Aluna: Eduarda Freitas

Nº: 3951

Turma: 901



As relações interpessoais no capitalismo moderno

O advento do capitalismo marcou o fim da sociedade feudal, transformando não só os sistemas políticos e econômicos, mas também as relações interpessoais. A partir disso, um novo mundo de opções surgiu, com a possibilidade de evoluir social e economicamente: os objetivos já não eram mais os mesmos, assim como os meios para atingi-los. Num mundo capitalista, o outro não importa tanto quanto si próprio.

Adam Smith, o precursor do capitalismo neoliberal, afirmou que este era marcado pela liberdade de ação e que a moeda representava o poder. Nesse sistema, que é o predominante na atualidade, a liberdade de ação gera um ambiente de constante disputa, já que o poder pode passar de mãos facilmente e todos têm a liberdade de tentar obtê-lo. O poder tornou-se algo tangível às camadas que antes poucos tinham, e como é instintivo desejar o bem próprio, tornou-se motivo de embate, pois nem todos têm. Tendo em vista que a moeda é obtida através do trabalho e esforço próprios, dá-se valor às conquistas e é por isso que se custa a perdê-las. É essa situação que origina o capitalismo selvagem.

A busca constante pelo lucro e a luta para defendê-la enaltece os feitos individuais e deixa de lado o coletivo. Dado esse cenário, é condizente que as pessoas se preocupem menos com o próximo, reduzindo, conseqüentemente, o altruísmo. Esta importante virtude vem desaparecendo, perdendo espaço, levando consigo laços interpessoais pelos mesmos motivos. O altruísmo é um dos pilares da boa convivência em sociedade, e sua falta pode gerar impactos até em setores econômicos e ambientais (além dos sociais) mundiais, prejudicando várias gerações. Atualmente, importar-se com os outros não é algo tão comum, dados os muitos anos de influência capitalista na humanidade.

O capitalismo se provou uma grande barreira entre os humanos e uma sociedade altruísta. Contudo, há meios de transpô-la. Esse sistema é de escala global, mas são os indivíduos, agentes sociais, que promovem sua implementação a nível local e, por isso, mudanças atitudinais de cada pessoa levam à transformação do cenário vigente. Para tanto, a conscientização das crianças nas escolas acerca da coletividade que vida em sociedade acarreta é uma intervenção viável, que pode resgatar o altruísmo nas próximas gerações.

Aluno: Pedro Alves

Nº: 3974

Turma: 902



A humanidade em um mundo capitalista

O estabelecimento do mundo contemporâneo e do capitalismo tornou o homem mais individualista e voltado ao benefício individual, ignorando as consequências de suas atitudes em relação ao todo. Mesmo assim, frente a essa realidade hostil, é possível encontrar pessoas que ainda se preocupam e dão valor a pensamentos e ações altruístas.

O sistema capitalista, surgido na Europa, apresentou seus primeiros traços em meados da Idade Média, com o anseio da obtenção de lucros nas novas trocas comerciais. Esse tem como principal característica, ou uma delas, a separação de classes, baseada na tão famosa meritocracia na qual os que “merecem” apresentam-se em evidência e com maiores benefícios, o que nem sempre acontece. A busca desenfreada pelo poder, às vezes, passa por cima de valores morais e cega o homem, levando-o a ferir sua integridade, prejudicando um coletivo, como é o caso de políticos corruptos e de sonegadores de impostos.

Às vezes, esse cenário selvagem é ofuscado pela ação inenarrável de diversas organizações não governamentais que, apoiadas pela ONU, executam trabalhos sem ganhar nada em troca, além do prazer de fazer a diferença, como é o caso dos médicos sem fronteiras que saem do seu conforto e viajam para lugares em estados deploráveis para cuidar de sobreviventes de guerras ou de famílias que sofrem com a desnutrição, a sede e a fome. Pode ser também usado como exemplo grupos formados para conversar sobre problemas em comum, como os Alcoólicos Anônimos, que existem apenas para ajudar essas pessoas.

No mundo atual, é difícil de presenciar ações caridosas e que prezem o outro como um semelhante, mas não há motivos para desacreditar da sociedade, pois, sempre que possível é provado que há esperança e luz em meio ao caos que vivemos.

Aluna: Janaína Cruz

Nº: 3968

Turma: 901



Futuro de Incertezas

Em uma era em que a maioria das pessoas vive para alcançar seus objetivos individuais visando seu futuro próspero, sentimentos de humanitarismo e beneficência são facilmente oprimidos pelo exclusivismo e mesquinhez da sociedade.

Em face deste cenário em que a falta de altruísmo é notável, poucos ainda apresentam interesse em transformar esta situação melancólica, como organizações espalhadas por todo mundo. Além de ONGs locais, que trabalham diretamente com as comunidades nas quais estão inseridas, levando assistência e recursos até áreas carentes, organizações maiores como a MSF (Médicos Sem Fronteiras) se deslocam por mais de 70 países oferecendo trabalhos sem fins lucrativos e proporcionando recursos e comprometimento em meio a situações caóticas como epidemias no continente africano e desastres naturais. Apesar da atuação destes grupos, as atenções dadas ainda são insuficientes, visto que para concluir tais trabalhos, recursos econômicos são de essencial importância, e muitos países se negam a direcionar parte de suas riquezas para contribuir com as corporações.

Atualmente de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), o país registrou uma média de 1,94 filho por mulher, estando abaixo da taxa de reposição populacional. Este fato evidencia a crescente preocupação, apesar de não tão mencionada, da sociedade em relação ao futuro mundo em que seus filhos precisarão viver. Todavia, estes possíveis pais refletem tal questão diante das telas de seus aparelhos eletrônicos por horas e horas, trocando este precioso tempo que poderiam estar aproveitando para estar em comunhão com outras pessoas, criando laços de amizade e compaixão e desencadeando o sentimento altruísta.

Neste mundo onde o individualismo exacerbado e a falta de relações entre a humanidade, que vive neste cenário contemporâneo tecnológico, estão crescendo, as relações interpessoais e instituições responsáveis pela socialização se fragilizam. Diante da visão deturpada de satisfação da humanidade, juntamente, com as visões consideradas corretas perante os hábitos da sociedade, um futuro de incertezas é o que se pode esperar.

Aluna: Ana Clara Felten

Nº: 4184

Turma: 901



A abordagem racional da biotecnologia

A biotecnologia, desde o final do século XX, desenvolveu-se como área de pesquisa científica e tecnológica a partir do uso de agentes biológicos na engenharia e aprimoramento genético. Entretanto, apesar dos avanços significativos, há malefícios para a humanidade uma vez que o homem busca controlar tudo ao seu redor. Com isso, surge a problemática da interferência da biotecnologia na vida humana seja pelos conflitos com a ética seja pelos efeitos colaterais na saúde dos indivíduos.

Em primeira análise, a utilização de transgênicos está entre as causas do problema. Os organismos geneticamente modificados (OGMs) podem ser prejudiciais devido à possibilidade de provocarem efeitos alérgicos ou tóxicos em organismos vivos. Isso se comprova já que, nos Estados Unidos, em 2000, o caso do milho Starlink afetou os seres vivos, pois a contaminação de milho transgênico na cadeia alimentar trouxe impactos negativos. Assim, evidencia-se que os OGMs podem afetar negativamente a saúde e, portanto, a população deve ser esclarecida e os transgênicos devidamente fiscalizados.

Em segunda análise, o problema é acentuado, porque tanto a clonagem quanto o cruzamento seletivo motivam divergências com a ética. Em relação à clonagem, a produção de indivíduos geneticamente iguais implica no controle humano sobre a identidade e a singularidade do outro sendo extremamente prejudicial e proibido em diversos países como o Brasil. Por sua vez, a efetivação do cruzamento seletivo e o desenvolvimento de indivíduos com características "perfeitas" podem provocar a disseminação de uma eugenia que afeta o convívio social e o respeito à bioética.

Em suma, apesar dos avanços provocados pela biotecnologia, é necessário haver uma abordagem racional da transgenia, do cruzamento seletivo e da clonagem. Dessa maneira, a bioética deve ser respeitada e a saúde humana deve ser colocada como prioridade. Para minimizar o problema, é necessário efetivar a fiscalização governamental de culturas transgênicas a fim de evitar a toxicidade e efeitos colaterais indesejados. Ademais, o homem deve usar a biotecnologia, uma vez que essa propicia avanços importantes, porém de maneira racional.

Alunas:

Alicia Soares Nº 3466

Letícia Pinheiro Nº 4302

Turma: 304



BIBLIOGRAFIA

Quem é Machado de Assis

Machado de Assis era um apaixonado por escrever. Nasceu numa cidade perigosa, onde a expectativa de vida era de 34 anos, pois não tinha saneamento básico e era conhecida como a capital das doenças. Seus pais eram alfabetizados e por isso ele também aprendeu a língua. Machado perdeu sua irmã, aos seis anos, e sua mãe, aos dez. Ele saiu de casa aos quinze anos, muitos dizem que foi por conta de sua madrasta.

Na sua juventude, era uma pessoa muito ativa, tanto socialmente quanto culturalmente. Machado costumava faltar ao trabalho lendo livros, ou escondido em algum lugar, por isso foi demitido de seu primeiro emprego.

Machado de Assis conheceu Carolina, quando tinha 27 anos; Carolina foi o amor e a companheira de Machado de Assis por toda a sua vida; ela era três anos mais velha que ele. A família dela resistiu, pois Machado não tinha uma boa renda, apenas o salário de funcionário público e seus livros.

Essa era a sua fonte de renda.

Adorava teatro e adorava escrever peças; peças, principalmente, de humor, o autor escreveu peças até o final de sua vida.

Machado foi o pai da crônica; começou a escrevê-las com 17 anos. Era muito famoso por isso e ainda é. Ele escreveu crônicas até 1900, foi ele quem introduziu a crônica moderna no Brasil.

Em 1870, publicou seu primeiro livro de crônicas. Machado é, sem dúvida, o maior cronista brasileiro.

Nesta época, ele foi internado por conta da epilepsia e voltou pra casa mais magro por conta dos remédios; já aos cinquenta anos, era considerado o maior escritor da literatura brasileira, com seus amigos que também eram escritores; fundou a Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro.

Em 1904, morre Carolina, mulher de Machado. O escritor descreveu essa fase como de sofrimento e de desespero; ele dizia que o único motivo de ele estar vivo era que ela o esperava no céu.

Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 29 de setembro 1908, no mesmo lugar onde nasceu.

Aluno: Adzo

Nº: 4407

Turma: 903



Narrativas de João Cabral de Melo Neto e de Graciliano Ramos

A vida em ambas as obras é a mesma vida Severina; é a mesma vida seca: o homem sertanejo sobrevivendo na adversidade e o retirante fugindo da seca. Os dois livros também retratam o drama dos trabalhadores rurais (Severino e Fabiano) que estão em busca de emprego, porém são marginalizados e sem escolaridade. Fabiano, por sua vez, com mais dificuldade em se comunicar, possui uma família de retirantes que sempre procura sair da seca sem destino, e ao encontrar uma fazenda abandonada se instalam; porém Fabiano se sentia inferior às demais pessoas da comunidade chegando a se comparar com um bicho em diversos personagens do livro. Na obra de Graciliano Ramos, Fabiano prosseguia fugindo da seca, com o mesmo objetivo do 1º capítulo “Mudança”, representado um ciclo.

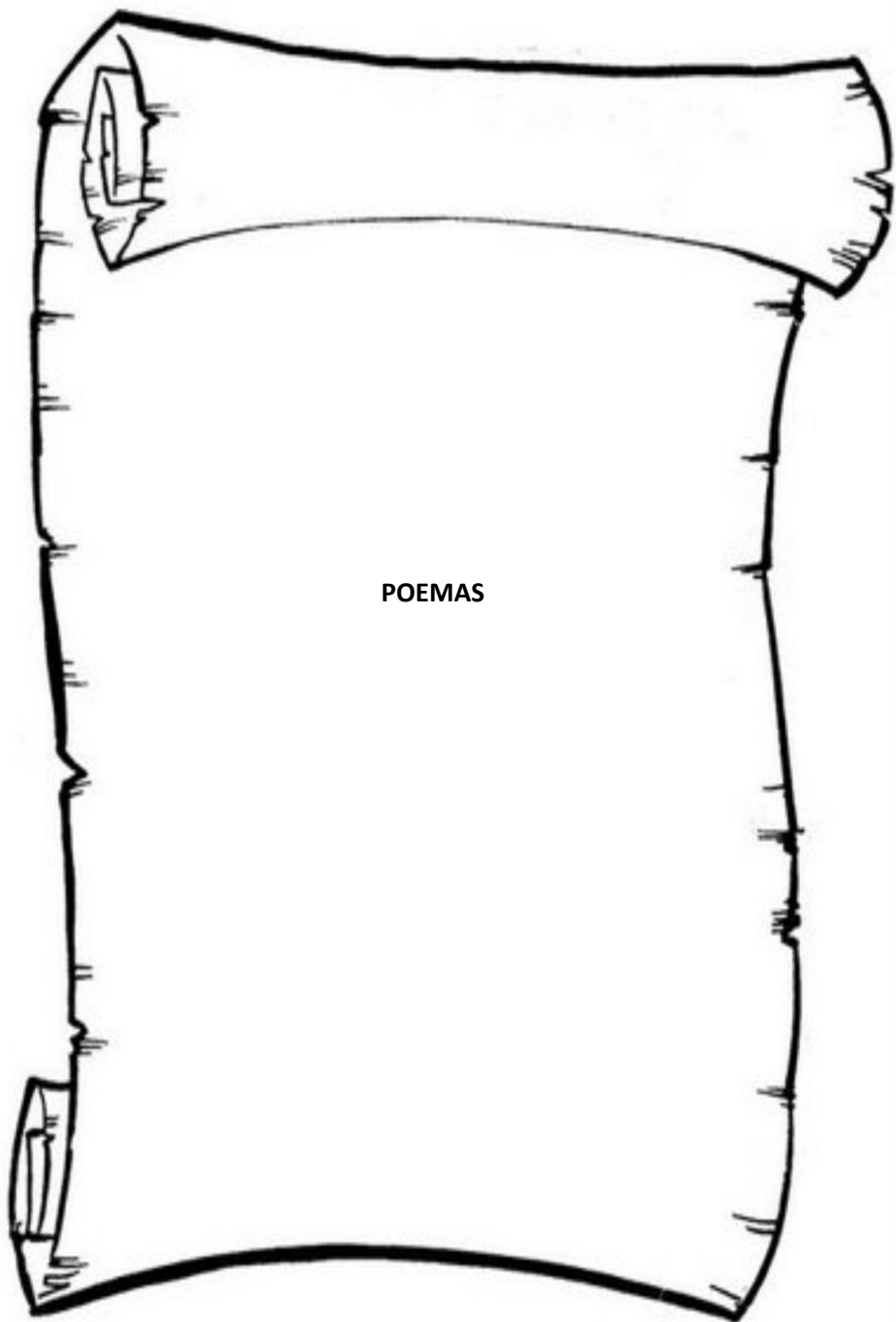
Por outro lado, na obra de João Cabral de Melo Neto, Severino, morador de uma região seca assim como Fabiano, decide se mudar em busca de trabalho e fugir da vida miserável que julgava ter. Durante seu caminho, depara-se com diversas dificuldades sendo sempre atormentado pela morte severina. No desfecho da obra de João Cabral de Melo Neto, ocorre o nascimento de uma criança despertando a esperança e a busca pela continuidade da vida mesmo em meio às dificuldades.

Aluna: Camila Azevedo

Nº: 4021

Turma: 903





POEMAS

Crime Passional

A vida odeia o tempo
Porque ele a ameaça
O tempo não para
Mas a vida chega ao fim
O tempo a repara, metralha e encara
A vida, sem escolhas, diz adeus assim

Mas a vida ama o tempo
O tempo que já passou
Ela sente a falta dele
Chora e ri pensando nele
Mas ele não se preocupou

Mas o tempo não tem culpa
Ele vive a esperar
A vida vai ao seu encontro
Mas nunca chega lá
Se o encontra, o aproveita
Mas depois o esquece e o deixa pra lá

E então o tempo a encontra
E a vida tenta escapar
Diz que ele está com pressa
Que há mais lugares pra ela passar
Mas o tempo cansou de esperar
Transformou-a em tempo, para então podê-la amar

Aluna: Fernanda Pedroso

Nº: 3467

Turma: 303



Em outubro de 2017, houve um evento artístico sob a orientação do Capitão Sérgio Inácio.

Esse evento foi protagonizado por alunos-artistas do CMS em comemoração aos 60 anos do Cadinho.

A cápsula

Bato os punhos no vidro
Ninguém pode me ouvir
Meus sonhos estão lá fora
E não consigo sair

Todos aqui vivem bem
Harmonia no pandemônio
O que faz mal a gente solta
Pela camada de ozônio

Até que é boa vida aqui
É só olhar em volta
Estou virando um deles
Por favor, alguém me solta

Criei tantos heróis
Nenhum pode me salvar
Pois todos eles estão
Livres, do lado de lá

Estou presa numa cápsula
Com o resto da humanidade
Qual é o nome dessa cápsula?
Chama-se realidade

Aluna: Jéssica Bastos

Nº: 3537

Turma: 202



Medalha de Ouro

Parabéns, você foi perfeito
Merece o primeiro lugar
Seguiu todas as regras
Obedeceu a todos os passos
Aprendeu a não errar

Está formado com honra
Na faculdade da vida
Aqui, pegue seu diploma
Já está apto para ser feliz,

E assim ele abriu os braços
Aclamado pela multidão
Iam fazer uma estátua sua
Bem naquela posição

Estava livre, em fim
Para do seu primeiro passo
Mas para surpresa de todos
Por mais que tentasse andar
Continuava ali, colado.

Qual caminho seguir?
O que iriam pensar?
Como não magoar ninguém?
Onde podia brilhar?

Ele passara tanto tempo
Tentando a todos agradar
Que longe dos holofotes
Não sabia nem andar

De tanto que pensou
Quente foi ficando
E o ouro das medalhas
(Que coberto ele estava)
Por seu corpo foi pingando

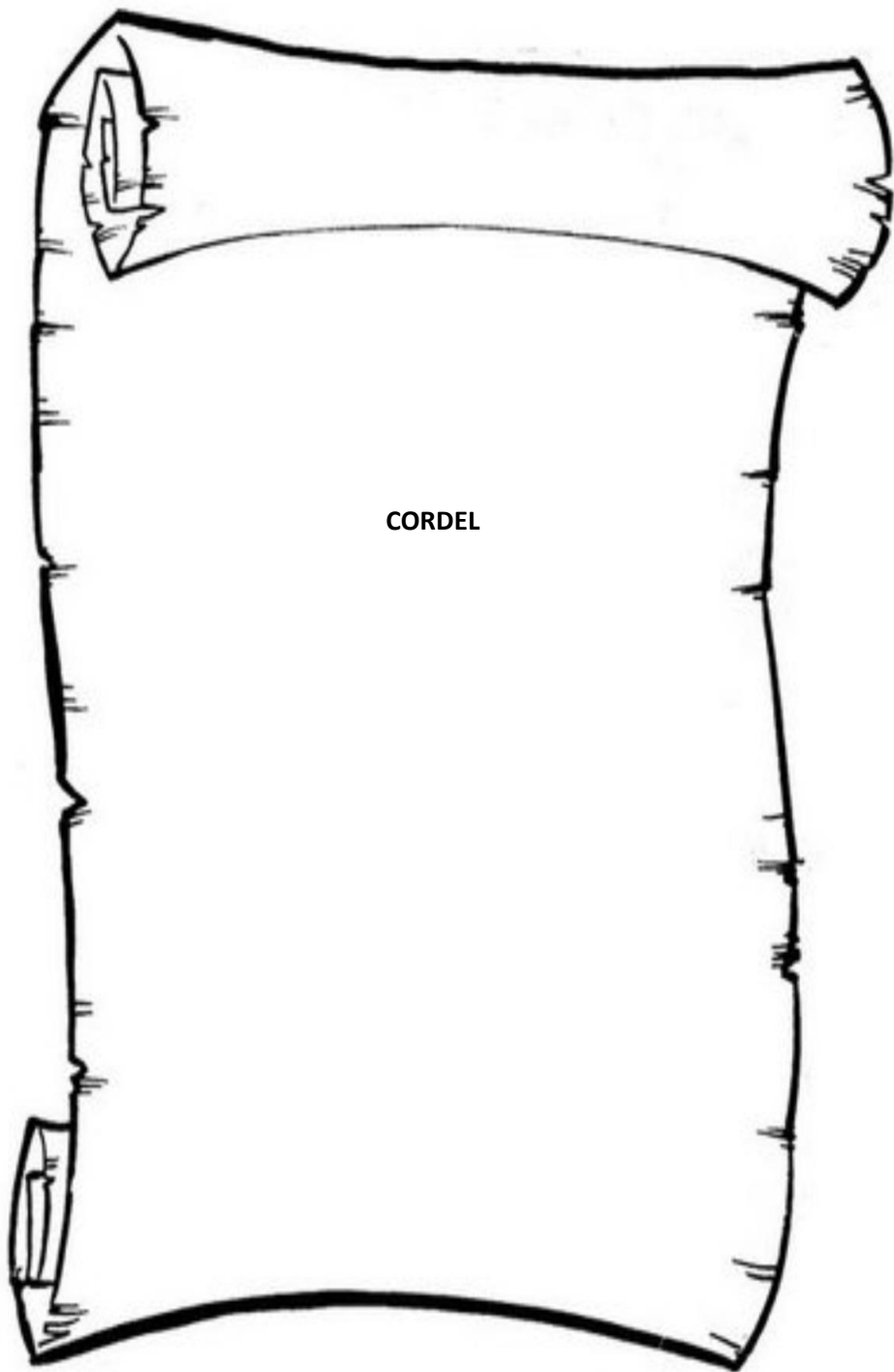


Com ouro até o pescoço
Ele gritou desesperado
Mas o barulho dos aplausos
Encobriu o seu chamado

Uma hora as mãos cansaram
A multidão se dispersou
E o garoto dourado
Parado, ali ficou.

Aluna: Jéssica Bastos
Nº: 3537
Turma: 202





CORDEL

Literatura de cordel: Juventude benigna

Eu conheci um homem
Que mora longe do sertão
Ele paga de filósofo
Tirado a inteligentão.

O seu nome é Cortella
E com todo o conceito
Fala tudo como quer
Sobre o que me diz respeito.

Mas Cortella, meu amigo,
Preste muita atenção
No que vou comunicar
Com toda a educação.

O século da informação
Nos articula pro mercado
Que terá que agradecer
Depois de ser transformado.

Nós trouxemos os valores
Criatividade e qualidade
Por acaso isso é ruim
Para a vida na cidade?

Sobre a dita hierarquia
A respeitamos de verdade
ela
Só que tentamos trazer
Pro lado da amizade.

Aluno: Barros
Nº: 4028
Turma: 902

Levamos na mala
A facilidade, alegria
Vejamos comigo
É o fim da burocracia.

Admiro seu trabalho
Mas preste atenção
Veja o potencial
Que temos em nossas mãos.

Eu como jovem brasileiro
Tenho orgulho e vontade
Vou levar pro congresso
A juventude e a verdade.

Companheiro Cortella,
Não seja pessimista
Peço isso ao senhor
Que faz sucesso nas revistas.

Peço ainda ao senhor
Que não seja tão fechado
Dê direito de resposta
A todos os mencionados.

É só pra finalizar
Que eu mando um abraço pra
Dê um beijo por mim
Na senhora Cortella.



Geração que mudará o mundo

Agora vou escrever
Um cordel para mostrar
Que até Mário Cortella
Também pode se enganar
O que estamos esperando;;
Tenho uma resposta para dar

Olá senhor Cortella
O senhor pode estar certo
Educação vem de casa
Com a mãe sempre por perto
Mas uma hora os filhos “voam”
É natural, é correto

Geração mal educada;;
Não acredito nisso não!
Alguns jovens querem sim
Poder ter tudo na mão
Mas há jovens que estudam
E que usam a informação

Há os jovens esforçados
E os que podem se confundir
No final tomam a decisão
E sabem para onde ir
Cheios de sonhos e amor
Fazem a vida seguir

E os bons modos como ficam;;
É preciso respeitar!
Se é o que estão pensando
Vamos agora observar
Aqueles adultos lá do canto
Que nenhuma chance querem nos dar

É a geração criativa
Que possui maturidade



Que lê e que pesquisa
Que traz novas verdades
Que faz 3 coisas ao mesmo tempo
Que tem responsabilidade

Vamos mudar o mundo
Da arte à engenharia
Mas uma pessoa sozinha
Tudo isso não faria
Estamos todos juntos
Somos quase uma família

Assim eu concluo:
Estamos preparados
Para o trabalho árduo
Já que não somos fracos
E uma coisa é certa:
Nunca ficamos parados!

Aluna: Sarah Alves
Nº: 3978
Turma: 904



Moderna educação

Filósofo de renome
Me julga mal educado
O que ele não percebe
É que isso é coisa do passado
A educação agora é outra
Mas não é do seu agrado.

Hoje em dia é mais difícil
Viver em sociedade
Não se envolve sentimento
Acham que têm facilidade
Mas é tudo mais complexo
Além da nossa capacidade.

Na era da informação
Distração é o que mais tem
Mas isso não significa
Que não sabemos nos comportar bem
Mesmo que a tecnologia
Muitas vezes nos faça refém.

Vários de nos abusam
Desse mundo liberal
Onde se pode fazer tudo
E onde tudo é mais legal
Mas ainda há quem tenha
A velha consistência moral.

Os mais antigos vivem
Em grande consternação
Mas ainda que não acreditem
São muitos os de bom coração
E esses a quem me refiro
Zelam pela boa educação.

Aqueles jovens que querem
Alcançar seus objetivos



Mantêm o foco todo dia
Não precisam ser pedidos
Mas como todo bom humano
Precisam ser entretidos.

Esperto é quem sabe
Dividir estudo e lazer
Hora com a cara no livro
Hora foca em seu prazer
Há quem planeja seu futuro
Há quem nada quer fazer.

Contudo, Seu Cortella
Não julgue o que não sabe
Ainda há quem preserva a educação
Mesmo não sendo como na sua idade
É o exemplo dos Colégios Militares
Referências em nossa sociedade.

Aluna: Yasmin Sá
Nº: 3973
Turma: 903



Mal educados?

Você, Cortella, falou
durante uma entrevista
que a minha geração é mal educada,
desrespeitosa e incompreensiva.

A Major Aline então,
mandou o papo para turma:
hoje vamos fazer um cordel
pra responder a esse sem postura.

Depois dessa insulta
não vou ficar parada, não
aqui nesse cordel
vou responder você, bobão!

Tio Corte essa é a hora
hora de prestar mais atenção
esses chefes de hoje em dia
só querem saber de opressão!

Nós entendemos muito bem
a diferença entre dever e direito
veja bem, meu caro:
é tempo de rever os seus conceitos.

Eu discordo de você, do seu ponto de vista
se nos acha indisciplinados
venha ao CMS,
vem nos fazer uma visita!

Aqui tem tradição
tem disciplina, hierarquia
somos muito bem formados
isso aqui é uma maravilha!

Se depois de nos conhecer



continuar com esse pensamento
o senhor é um paspalho!
Só muda em outro nascimento.

Aluna: Júlia Santos

Nº: 4119

Turma: 904



A hand-drawn illustration of a scroll, oriented vertically. The scroll is depicted with a thick black outline and a wavy, irregular border, suggesting it is unrolled. At the top and bottom edges, there are small, detailed drawings of the scroll's binding or ends, showing some internal structure. In the center of the scroll, the words "CARTA ARGUMENTATIVA" are written in a simple, black, sans-serif font.

CARTA ARGUMENTATIVA

Salvador, 22/09/2017

Prezados dirigentes do Jornal A Tarde,

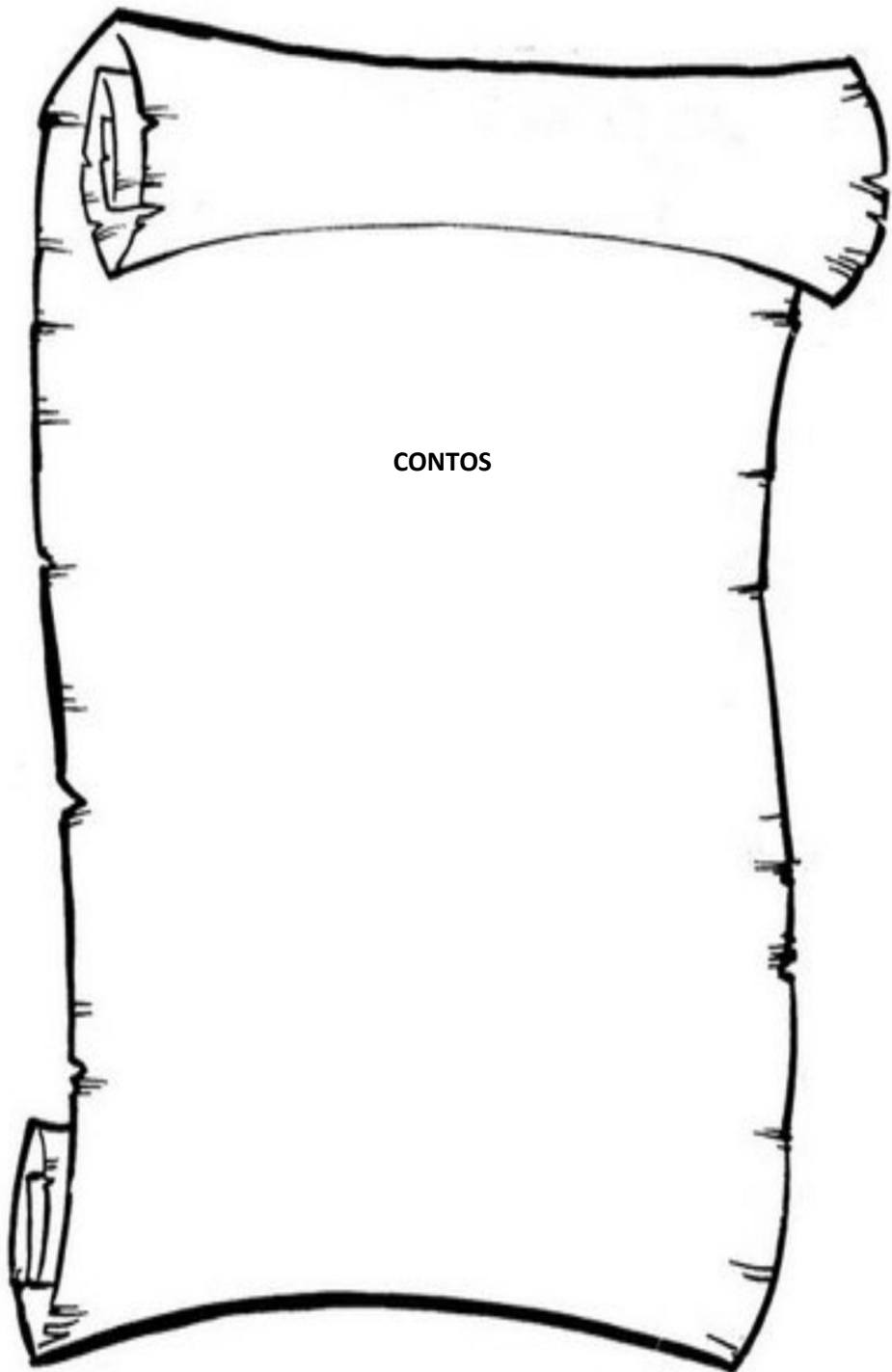
Venho parabenizá-los pela excelente reportagem. Gostei muito do tema abordado na mesma, pois acho que o celular, dependendo do modo em que é utilizado, está mesmo se tornando um vício para a sociedade, principalmente, para os jovens. Além disso, concordo totalmente com o que foi dito por Ceiza Schettini, autora da reportagem “Felicidade além dos selfies”, pois realmente existem pessoas que fingem ser felizes só para causar uma boa impressão nas redes sociais, o que é totalmente errado. Também existem pessoas que criam perfis falsos, apenas com o objetivo de criticar outras pessoas, praticando o *ciber bullying* ou o *bullying virtual*, que muitas vezes pode levar a depressão, pois a pessoa se sente oprimida, por não ter um corpo “bonito”, um rosto “bonito” e por não ter dinheiro para ir em lugares caros tirar fotos. Tudo isso é besteira! As pessoas precisam aprender a ser felizes para elas mesmas, e não para os outros, pois pessoas muito viciadas acabam correndo até mesmo riscos, como o de ser assaltada ou sequestrada.

Por fim, gostaria de sugerir ao jornal uma reportagem com uma lista das melhores brincadeiras, a fim de incentivar os jovens a largar o vício e ir brincar com seus amigos na rua.

Atenciosamente,
M.M.O.M

Aluna: Marina Maria
Nº: 4233
Turma : 701





CONTOS

Esse conto foi criado em parceria interdisciplinar com Física, sendo que além das características do conto, deveríamos compor um nó narrativo a partir de um problema ligado à Física.

Paradoxo fixo

O clima da sala de estar é festivo. É incrível como o tempo passa rápido. Há exatos 60 anos, não me imaginaria sentada em volta de uma lareira aconchegante, olhando o quão grande meus netos haviam se tornado.

Imersa em meus pensamentos, desperto quando Isaac se levanta e decide fazer um brinde:

- É com muita alegria que estamos aqui reunidos para celebrar o amor de Louise e Antony, também conhecidos como papai e mamãe – o som de risos aquecem ainda mais o ambiente – que nesses 60 anos de casamento, mostraram-se cada dia mais apaixonados um pelo outro, uma real história de amor. Um brinde.

Sophie interrompe a salva de palmas:

- Mãe, que tal contar para seus netos a história de como papai conquistou a senhora? Aquela história esquisita da carta que todos nós amamos.

Sorrisos em concordância me encorajam e as crianças se acomodam próximas à minha cadeira, como quem está prestes a ouvir um segredo precioso. Limpo a garganta e olho dentro daqueles olhos azuis, que há 60 anos olham-me com o mesmo entusiasmo e fazem-me sentir como uma garotinha.

“1854. Quem diria que a estrela da época, a Revolução Industrial, iria dividir os palcos da chuvosa e cinzenta Londres, com um amor que parecia improvável.

Deixei o clima ameno e agradável de Nice, a fim de entregar o convite de meu casamento, com Rupert, a um amigo de família, em Londres – não podia deixar de entregar pessoalmente - e aproveitei para fazer algumas compras.”

O pequeno Tyler interrompe:

- CASAMENTO?! Rupert? A senhora não sempre foi casada com o vovô?

Rio-me de sua inocência e explico.

- Antes de conhecer seu avô, eu era noiva de um bom rapaz chamado Rupert. Nossas famílias eram muito amigas, e meu pai achou que era o certo a se fazer.

Charlotte torce o nariz e diz:

- Não gostei desse Rupert. Prefiro o vovô.

Acariciando sua bochecha rosada, falo:

- Eu também, querida. Eu também.

Continuo a lhes contar a história.



“Onde estava? Ah, sim! Compras. Estava programado para ficar por lá durante uma semana e, depois, deveria retornar em virtude da cerimônia. Em um determinado dia, Charles - a quem eu levei o convite - levou-me a um encontro da antiga Sociedade de Físicos de Londres. No começo, me senti constrangida, eu era a única mulher no recinto e não ligava nem um pouco para física.”

- E isso crianças, perdura até hoje - diz Antony com um sorriso brincalhão.

Trocamos olhares cúmplices e prossigo com a memória.

“Naquele dia, ouvi muitas discussões sobre giroscópios, lei da termodinâmica e os efeitos magnéticos da eletricidade. Antony era o mais animado da roda de conversa e quase não tirava os olhos do seu caderninho de anotações, sempre puxando equações e fazendo levantamentos importantes. Eu comecei a achar seu jeito entusiasmado e um tanto inocente, encantador. O acompanhava com os olhos, esperando receber seu olhar de volta, mas nada parecia desviar sua atenção. Minha cabeça estava confusa, afinal, estava prometida a outro e bem ali, achava-se um rapaz que fazia meu coração palpitar. Continuei indo às reuniões e me deslumbrando cada vez mais por aquele jovem físico que não retribuía minha possível paixão.

Para minha surpresa, no meu último dia em Londres, Antony, despreziosamente, me convidou para tomar um chá. Aceitei com uma animação que nunca havia sentido antes. Fomos a um café próximo à casa de Charles e foi a primeira vez que o vi falando sobre algo que não envolvesse cálculos ou fórmulas. Com um olhar tímido, conversamos sobre coisas triviais, e citei meu casamento, que seria dali a cinco dias. Sua feição mudou e ele pareceu um pouco decepcionado, mas achei que fosse apenas coisa de minha mente, que tanto queria ser notada por Antony.

No fim das contas, ele me levou de volta à residência de meu amigo e nos despedimos com um abraço um tanto quanto desajeitado. Voltei para França naquela mesma tarde e percebi que tinha deixado um pedacinho do meu coração na Inglaterra.

O dia do casamento ia se aproximando e a angústia dentro de mim ia aumentando. Eu estava prestes a passar o resto da minha vida com um homem a quem eu não amava.”

- Sempre me emociono nessa parte - diz Isaac com certa comoção.

- Mas vovó, a senhora vai ter o final feliz, não é??? - pergunta Adrien, um pouco preocupado.

Charlotte diz:

- É claro, seu bobo! Se não a gente não estaria aqui!

Adrien mostra a língua para ela e Charlotte retribui o gesto.

Sigo com a narração.



“O dia do casamento deve ser um dia de pura alegria e euforia para uma mulher, mas eu estava sentindo o oposto disso. Nada me animava. Por mais bonito que meu vestido fosse, ou mais elaborado meu penteado estivesse, eu continuava a me sentir infeliz.

Conforme caminhava em direção ao altar, sentia os olhares de todos sobre minhas costas, mas os olhos que eu realmente queria, não encontravam os meus. A marcha nupcial parou de tocar e o padre iniciou seu discurso. Confesso que não lembro uma palavra do que o eclesiástico disse, minha mente estava em outro lugar. De repente, a famosa frase ‘se alguém se opõe a este matrimônio, fale agora ou cale-se para sempre’ ecoou pela igreja e meu coração, que parecia não estar batendo, disparou em um ritmo louco.

O casamento ia ser consumado, quando, irrompendo pela porta da catedral, um Antony muito suado e ofegante, bradou em alta voz:

- Eu me oponho!

Involuntariamente, meu rosto se abriu em um sorriso e andei até ele. Seus cabelos, que sempre pareciam encontrar-se bagunçados, estavam mais caóticos ainda. Rindo, entregou-me um envelope e disse:

- Leia e entenderá tudo.

Abro a carta e mergulho em seus traços confusos, porém cheios do mais límpido e claro amor:

Querida Louise,

Você deve estar se preparando para o tão sonhado “grande dia” e muito provavelmente, não está compreendendo o desígnio desta carta.

Tenho 29 anos e tudo o que me interessou desde então tinha a ver com a Física. Na minha vida, o amor era uma equação a ser resolvida e a taxa de variação não havia sido determinada. Até que você chegou e mudou tudo. Desde o primeiro dia que te vi, sentada naquela reunião, senti algo diferente e novo, mas eu, tolo, não consegui dizer.

Apresento-lhe agora a equação mais simples da Física Cinemática, mas que diz respeito à coisa mais complicada da minha vida, que no caso é entregar-lhe esta carta explicando o que sinto.

$$S=S_0+Vt$$

Usando da equação horária da posição do Movimento Retilíneo Uniforme, calculei o tempo no qual esta carta iria demorar para chegar em suas mãos, levando em conta a velocidade do navio a vapor, meu meio de transporte, que é de 5 nós(9,2km/h) definindo S como posição final da carta, a França e mais precisamente a Cathédrale Saint-Nicolas, S₀ a minha posição inicial, Liverpool em Londres.

Resolvendo esta equação:



$$S=So+Vt$$

$$971,8\text{km} = 0 + 9,2\text{km/h.t}$$

$$- 9,2\text{km/h.t} = - 971,8\text{km} \cdot -(1)$$

$$9,2\text{km/h.t} = 971,8\text{km}$$

$$t = 971,8\text{km}/9,2\text{km/h}$$

$$t = 105,6 \text{ horas}$$

$$t = 4 \text{ dias e } 4 \text{ horas}$$

Se esta carta está e suas mãos, é porque eu consegui. Agora vem a parte mais difícil, colocar no papel o que sinto.

Veja bem, em física ou qualquer outra ciência exata, existe apenas uma resposta, e várias maneiras de chegar a ela. Na vida, às vezes existem tantas respostas que em certos casos acabamos sem uma. Por medo, decidi que esta era minha resposta no quesito amor: um conjunto vazio.

Contudo, percebi que havia algo de errado no momento que você entrou naquela sala e os batimentos de meu coração, que só aceleravam com a descoberta de uma nova variável, traíam-me e pulsavam em um compasso jamais visto antes. Demorei a entender que era o famigerado “amor à primeira vista”, e quando o compreendi, alguma coisa precisava ser feita.

No único dia em que ficamos a sós, não fui capaz de exteriorizar tudo o que sentia. Daí veio a ideia da carta. Sabia que você iria se casar, então tudo se tratava de uma corrida contra a ideia do tempo e, um pouco de sorte. Confiei na Física e pus meu plano em ação.

Não conseguia parar de pensar nos seus lindos cabelos castanhos, no seu sorriso sem graça quando não entende algo, na profundidade de seus olhos cinzentos, na sua voz suave e no seu jeito dócil e meigo de se portar.

Louise, com toda a sinceridade do mundo, eu não sei se você vai retribuir meus sentimentos, mas muitas vezes, durante a descoberta de um postulado novo, precisamos nos arriscar e fazer uma declaração perante a comunidade científica.

Assim, aqui estou eu, declarando a você o meu mais novo e recente experimento, o amor.

Posso estar sendo egoísta, mas peço que não se case com Rupert, pelo menos, não ainda. Dê-me uma chance de provar que também posso lhe fazer feliz.

Espero que chegue a tempo e que Newton me ajude,
Esperançosamente,
Antony”



- Se tem uma coisa que nunca entendi, foi o fato de papai chegar no meio do casamento e entregar a carta. Ele não fez um cálculo para que chegasse antes da cerimônia? – indaga Clay.

Dobro com cuidado, o papel pardo e gasto pelos anos, enquanto Antony explica:

- Eu não levei em conta o fator natureza. Estava tão eufórico que esqueci-me de checar possíveis correntezas e tempestades. Sem a incidência da velocidade da correnteza, eu chegaria ao porto de Nice, no tempo estimado, porém, a houve um temporal que provocou uma correnteza, influenciando na trajetória do barco. Segundo o princípio de Galileu, se os movimentos forem perpendiculares, eles não influem um no outro. O tempo e a velocidade continuam os mesmos. O que vai mudar é a trajetória. E foi exatamente o que aconteceu. Levei exatos quatro dias e quatro horas para chegar à França, mas como atraquei em outro porto, acabei tendo que viajei durante mais alguma tempo ara chegar a Nice. Por isso cheguei bem no momento do casamento, e não antes.

- ESTOU MORRENDO DE FOME! – clamou Charlotte para mim.

- Vamos comer que também estou cansada de tantas memórias.

- Mas mãe, a senhora nunca contou o que aconteceu com Rupert – disse Isaac intrigado, tomando seu último gole de vinho.

- Isaac, achei que você soubesse. Rupert é seu tio Rupert, casado com Madaglena minha irmã.

- TIO RUPERT É O RUPERT DA HISTÓRIA?

Ri de seu espanto e todos da sala me acompanharam, menos Charlotte que estava impaciente com a demora.

- Sim, meu filho! Ele sempre amou minha irmã, mas *s'il vous plaît*, não comente nada com eles, na época foi um choque para todos e trazer todas essas emoções à tona não iria fazer muito bem.

- *Oui, mama!*

- Agora vamos comer antes que Charlotte desfaleça de fome.

Enquanto nos dirigíamos à mesa de jantar, Antony me puxa para um abraço demorado e diz em meu ouvido:

- Obrigado por esses 60 anos de companheirismo e devoção. Encontrei em você minha Teoria da Unificação, você é a explicação de todos os fenômenos físicos e até os sentimentais, num único tratamento, só que em vez de teórico e matemático, é prático e amoroso.

Beijo sua bochecha e com lágrimas nos olhos digo:

- Eu te amo Antony, ainda não compreendo tudo o que você diz, mas eu te amo.



A Física estuda os fenômenos naturais relacionados com a mecânica, a termologia, acústica, óptica e eletricidade. Mas eu não preciso dela para explicar gestos de carinho, o calor que sinto em um abraço, a reverberação do som quando ouço um “eu te amo”, ou a luz dos olhos de meu amado marido, não necessito estudar as descargas elétricas para entender a eletricidade que um toque causa.

Sei que o mundo não parou de evoluir, mas é sentada a mesa de jantar que desejo, do fundo do meu coração, que com todo o avanço tecnológico, as coisas simples não sejam esquecidas e sim, vividas através das lembranças.

Alunos:

Carolina Carvalho N°: 3728

Antônia Dezidério N°: 3707

Loureiro N°: 3714

Luana Santos N°: 4174

Luiz André N°: 3552

Turma: 102



Atividade em que os alunos deveriam escrever um conto que retratasse o que eles imaginaram a partir da escuta e da análise da letra “Do sétimo andar”, do grupo Los Hermanos.

Do sétimo andar - Los Hermanos

Fiz aquele anúncio e ninguém viu
Pus em quase todo lugar
A foto mais bonita que eu fiz,
Você olhando pra mim

Alto aqui do sétimo andar
Longe, eu via você
E a luz desperdiçada de manhã
Num copo de café

Deus sabe o que quis foi te proteger
Do perigo maior, que é você
E eu sei que parece o que não se diz
O seu caso é o tempo passar
Quem fala é o doutor

Parece que foi ontem, eu fiz
Aquele chá de habu
Pra te curar da tosse do chulé
Pra te botar de pé

E foi difícil ter que te levar
Àquele lugar
Como é que hoje se diz?
Você não quis ficar

Os poucos que viram você aqui
Me disseram que mal você não faz
E se eu numa esquina qualquer te vir
Será que você vai fugir?
Se você for, eu vou correr
Se for, eu vou.



Algarismo fatídico

Meu consultório está vazio. Tenho uma consulta marcada para às 10:30 e, enquanto o paciente não chega, aproveito alguns minutos de tranquilidade.

O relógio marca 11:45 quando um homem franzino, alto e vestido de preto adentra minha sala. Com um olhar vazio, diz:

- Queimei minha boca com café.

- O quê?

- Desculpe, minha mulher morreu. O enterro dela foi esta manhã. Queimei minha boca porque estava apressado.

- O senhor é Eduardo Alencar? O paciente das 10:30?

Ele assente com a cabeça e indico uma poltrona no canto da sala.

- Pois bem, quero deixar claro que todo seu relato será mantido em sigilo. Então, vamos começar do começo, o senhor não disse que queimou a boca com café?

- Sim... Suzana morreu e fiquei encarregado dos assuntos referentes ao enterro. Saí apressado e acabei me queimando. Ninguém foi...

Ele suspira gravemente e continua.

- Mesmo depois de ter postado sua melhor foto – ele sorri para o chão, como se lembrasse de algo – que foi tirada do sétimo andar do nosso prédio.

- Meus pêsames. É por isso que o senhor está aqui?

- É. Sempre soube que Suzana ia morrer, ela sofria de uma doença terminal nos rins, que se agravou nos últimos meses.

A cada fala, Eduardo parece ficar menor na cadeira.

- Como o senhor se sentiu a respeito disso?

- Eu sempre procurei estar ao lado dela. Acolhê-la, dar-lhe chá de habú.

Todo meu tempo era em função dela. Só queria vê-la de pé.

- Isso é compreensível. Suas intenções eram as melhores.

- Foi por isso que desliguei as máquinas – as palavras saem pesadas de sua boca – Deus sabe que o que eu quis foi protegê-la. Mas agora acho que a matei.

- Eu sei o que parece, mas é algo muito recente. O tempo passa.

- Não para Suzana. Eu a vejo em todo lugar. Tudo me faz lembrá-la. Os lençóis de nossa cama ainda guardam seu cheiro.

- Isso é normal. Lidar com a perda sempre foi, e é, algo muito difícil para os seres humanos.

Ele fica em silêncio. Parece estar tendo dificuldades para assimilar o que digo. Subitamente, Eduardo fala:

- Suzana, se você for, eu vou.



Antes de ser capaz de segurá-lo, Eduardo corre e se joga pela janela que, irônica e morbidamente, era o sétimo andar.

Alunos:

Carolina Carvalho N°: 3728

Antônia Dezidério N°: 3707

Loureiro N°: 3714

Turma: 102



Uma questão de força de vontade

Nasci e me criei em um pequeno povoado embrenhado na Floresta Amazônica, onde minha brincadeira favorita era brincar de “usar a imaginação”, sendo sempre muito criativo, e transformando as partes da minha vida em estonteantes aventuras. Nas poucas vezes, em que fui à cidade grande, ficava deslumbrado pela magnitude das construções. Esporadicamente, quando tinha folga no colégio, ia visitar meu pai no quartel, onde podia vislumbrar todo o orgulho dos membros daquela organização pela farda verde-oliva e pela Bandeira do Brasil.

Tinha pouco mais de onze anos, quando um dia meu pai chegou em casa radiante com a notícia de sua transferência para Salvador, capital baiana. Senti um turbilhão de emoções, felicidade por sua conquista, mas por outro lado, tristeza por ter que deixar meus amigos para trás. Em uma semana partimos para o nosso novo lar, coincidindo com o início do ano letivo. Estava agora em uma nova fase da vida, Ensino Fundamental II, vários professores, cidade nova, uma gama infinitamente maior de colegas e um fardamento de milico.

Logo de cara, senti dificuldades em acompanhar os conteúdos, posicionando-me nas aulas de forma tímida e reservada, tendo receio de tirar dúvidas, e ser motivo de chacota, afinal, havia tantas pessoas com capacidade intelectual maior que a minha. Mesmo com o apoio do Serviço de Orientação Educacional (SOE) e dos meus pais, minhas notas pareciam puxar-me para um abismo sem fim, com todos os tipos de criaturas horrendas à minha espera. Entretanto, já à beira do precipício, alguns colegas com maior facilidade de absorção das matérias uniram-se para confeccionar uma grande corda para resgatar-me desse pesadelo.

Apesar de toda ajuda, tinha péssimos sonhos com o Monstro da Reprovação, que tentava de todas as formas desestimular-me, porém estava unindo forças para derrotá-lo. As “armas” usadas por meus amigos e eu eram: muita força de vontade para aprender e passar de ano e inúmeros finais de semana investidos no meu aprendizado, onde em minha fértil e infantil mente, faziam parecer que cada assunto compreendido, principalmente os mais extensos, eram como ganhar um conflito contra o exército inimigo, que variava de acordo com a matéria.

O fim do ano escolar se aproximava, e, mesmo tendo vencido muitas batalhas, a guerra ainda não havia acabado. Na última Avaliação de Estudo (AE) de Matemática, por um deslize devido ao meu nervosismo, esqueci de marcar metade do gabarito, e minha média foi insuficiente. Na prova final, eu reencontrei meu velho inimigo, o Monstro da Reprovação, que mesmo com seu tamanho e



força, não me amedrontava mais, pois sabia que era capaz de vencê-lo devido à força que a Família Garança me propiciou durante todo meu sexto ano.

Dito e feito, derrotei aquele parasita com meus conhecimentos e minha “super caneta esferográfica azul”, que simbolizava uma espada. Aqui estou eu, em um encontro de antigas turmas na comemoração dos 60 anos do Nobre Cadinho, celebrando entre os meus, até hoje, grandes amigos, a existência desse renomado estabelecimento de ensino, o Colégio Militar de Salvador, que forma profissionais e pessoas de caráter. Sendo assim, esse lugar além de ensinar-me valores e tradições, deu-me uma família grande, diferente e unida, “A Família Garança”.

Aluno: Matheus Luquini

Nº: 4112

Turma: 801



Uma terça-feira fora dos padrões

O banco não estava muito cheio naquela terça-feira, inclusive estava certa calma, incomum naquele ambiente. Tinha acordado tarde e fui com pressa ao banco, entrei ofegante e logo procurei o elevador; um rapaz gentil e bem alto, com aparência de um *hippie* segurou a porta do elevador para mim e eu entrei; estávamos acompanhados por uma senhora idosa, com um grande crucifixo em seu pescoço e por um rapaz de terno com um certo nariz arrebitado.

Não havia conversa lá dentro e nos aproximávamos do sexto andar. Até que as luzes se apagaram e o elevador começou a despencar; todos entramos em desespero. Por sorte, a trava de segurança impediu nossa violenta queda, mas vimos que estávamos presos entre quatro paredes de concreto. O cabo que sustentava o elevador havia partido, e estávamos expostos a qualquer pedaço de concreto que caísse do alto sobre nossas cabeças.

O homem alto logo se sentou e retirou uma espécie de amuleto do seu bolso; então iniciou um discurso sobre aquilo ser carma, dizendo que precisávamos “acertar as contas” com o universo, contando sobre nossas atitudes erradas e pedindo perdão.

Aquelas palavras dele, realmente tocaram minha consciência, que se encheu de pesar da minha infância; resolvi me sentar ao seu lado. A idosa também se juntou a nós, dizendo que não queria morrer soterrada sem o perdão divino. Já o homem esnobe disse que tudo aquilo era uma grande besteira e apenas continuou de pé, reclamando.

Iniciamos nossas histórias: o *hippie* contou sobre sua dificuldade em perdoar as pessoas; a idosa agarrou seu crucifixo e falou sobre as cocadas que levou da lojinha sem pagar, então eu iniciei a minha história.

-Eu era uma menina baixa e gordinha de cabelos crespos, enquanto as outras meninas eram todas magras de cabelos sedosos, (não vou mentir, sentia certa inveja).

Meu pai era dono de livraria, o que me dava uma certa “moral”. Já que não podia ser bonita como elas, ostentava os livros que elas tanto almejavam- conheci uma menina com uma paixão surreal pela leitura. Nunca gostei muito de ler, mas descobri que ela era apaixonada pelo livro “As Reinações de Narizinho” e logo vi a chance de me tornar popular entre aquelas meninas esguias.

-Ela vivia me pedindo emprestado o tal do livro, mas eu sabia que quando terminasse de lê-lo, ela logo me largaria e eu ficaria isolada novamente. Então sempre inventava desculpas pra não dar o livro, fazia uma espécie de “tortura chinesa”. Não era muito difícil ver que aquela amizade baseava-se no interesse, até porque, em que mundo aquela menina perfeitinha largaria suas amigas tão



perfeitas quanto ela para ficar com uma menina excluída que a tratava mal? - Só que meu plano um dia falhou. Eu estava inventando mais desculpas para não lhe emprestar o livro, quando minha mãe entra no quarto e pergunta o que está havendo. Senti-me desnorteada e não sabia o que falar; houve uma confusão de palavras e no final minha mãe disse, com uma expressão decepcionada (pois ela acreditava que nós duas éramos grandes amigas, ficou até feliz porque eu finalmente tinha amigas) que o livro sempre esteve lá em casa, e o emprestou para a menina. Ouvi vários sermões sobre ser gentil e, depois disso, acabei sem amigos novamente; isso só mudou quando fui transferida para outra escola e amadureci completamente; ainda bem que hoje sou uma nova pessoa e percebo que aquilo era bem errado.

Terminei minha história e me senti mais leve, nunca a havia contado por vergonha. O *hippie* então sorriu – que bom que todos contamos nossas histórias. Agora, para ter nossa paz espiritual, pediremos desculpa... - foi então que ouvimos um barulho muito alto e nos assustamos. Derrubaram uma das paredes que dava no estacionamento, estávamos livres para ir! O rapaz esnobe logo saiu apressado. Eu me despedi do hippie e da idosa e fui resolver minhas pendências (pelas escadas). Saí sorrindo, nunca imaginaria algo tão louco na minha programação de terça-feira.

Aluna: Yasmin Sá

Nº: 3973

Turma: 903



Alegria inimiga

Nessa época, eu era uma menina ruiva, com sardas e de cabelo crespo, sempre era julgada por ser diferente do padrão e estar acima do peso, enquanto aquele bando de garotas chatas, magras, altas e de cabelo liso desfilavam com alegria pela sua sorte de nascença.

Mas eu não deixava isso passar barato, como meu pai era dono de uma livraria eu tinha acesso a uma infinidade de livros, imagino que para a Clarice, uma das “ patricinhas”, ter isso seria um paraíso em terra, mas eu nunca me interessei na leitura desses livros, muito menos deixaria ela usufruir de um privilégio desses tão facilmente, assim, eu a fazia implorar para poder ter um dos livros da livraria.

Então, um dia, meu pai me entregou o livro “As Reinações de Narizinho”, na época muito admirado e cobiçado pelos apaixonados por leitura, porém eu nem era capaz de me imaginar lendo algo tão grande e chato como aquilo; apenas fiz questão de ostentar que o tinha para dar inveja as garotas que tanto desprezava. Foi aí que decidi torturar um pouco a Clarice, falei que ela poderia ficar com o livro emprestado, deveria apenas passar em minha casa para recebê-lo, e assim o fiz.

No dia seguinte, quando ela bateu na porta da minha casa à procura do livro, eu olhei para aquele maldito sorriso empolgado e disse: “eu o emprestei a uma garota que chegou primeiro, volte de novo amanhã”. Perdi as contas de quantas vezes disse isso a ela, mas o seu fanatismo por ler a fazia repetir aquela auto- humilhação todos os dias, e assim ficaria caso uma entidade de força maior não se metesse.

Em um dessas visitas curtas à porta da minha casa, mais precisamente na última, minha mãe, que já estava estranhando aqueles encontros rotineiros, exigiu que explicássemos o que estava acontecendo. Não tive como arranjar uma boa desculpa e ela descobriu a judiação que eu estava fazendo na Clarice, sem mais nem menos, me obrigou a entregar o livro a ela e a deixou ficar com ele pelo tempo que quisesse.

Dessa forma se deu a ápice do meu sofrimento, ver aquela menina quase explodindo de felicidade ir embora com o livro, e ao mesmo tempo perceber a decepção que mãe teve por mim. Sem o livro, com minha inimiga que tanto odiava saindo feliz pelas ruas de Recife, e também ter ficado de castigo; essa foi a punição que minha mãe me deu pela tentativa de vingança por dificultar a felicidade alheia.

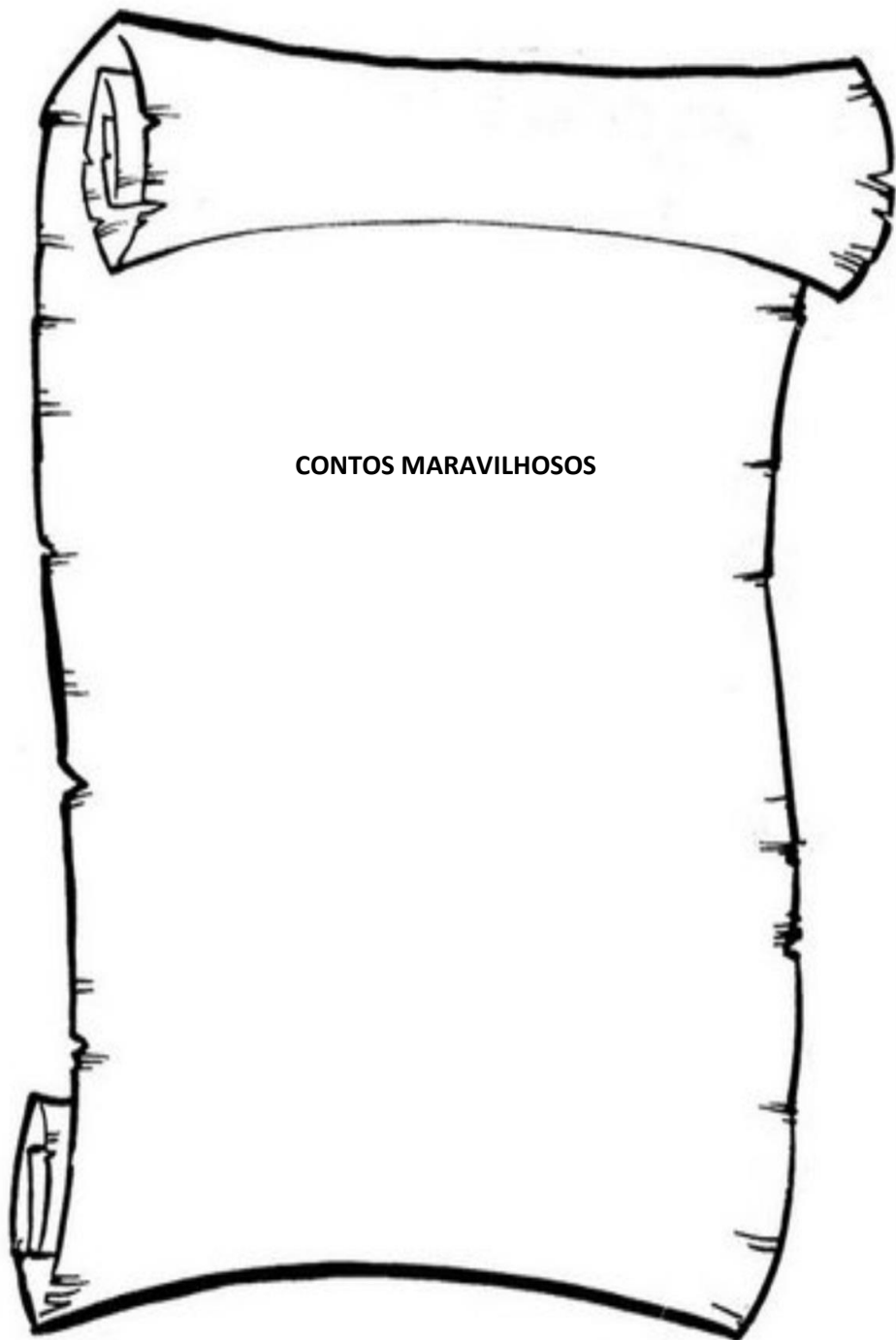
Aluno: Jorge Alberto



Nº: 4101

Turma: 903





CONTOS MARAVILHOSOS

A bruxa e o vale encantado

Uma bruxa estava voando em sua vassoura mágica quando, de repente, avistou pequenos pontos verdes no vale de uma montanha. Ao sobrevoar melhor o local, ela percebeu que aqueles pontos verdes eram duendes.

Surpresa com aquela raridade, que não acontecia há muito tempo, a bruxa, com suas ideias mirabolantes, transformou os duendes em formigas, pequenas e indefesas.

Os ex-duendes, ao perceberem que eram formigas, logo suspeitaram da malvada bruxa, então comunicaram a rainha Elisabete, com medo de que a bruxa voltasse com suas maldades.

Ao saber do feitiço que ela fez nos duendes, Elisabete não pensou duas vezes, chamou a guarda real e ordenou que procurassem a bruxa.

Quando os guardas a acharam, eles lhe fizeram algumas perguntas. A bruxa que não era boba, negou todas, porém, a guarda real cumpria ordens e a levou para o castelo.

Quando a bruxa chegou ao castelo, viu tanta cor, felicidade e alegria que o feitiço que havia feito aos duendes foi quebrado, pois todo aquele sentimento bom que havia no castelo a consumiu, sendo maior que toda a maldade presente em seu coração, quebrando qualquer feitiço que tivesse sido feito.

Aluna: Marina Dutra

Nº: 4335

Turma: 601



A vassoura perdida

Era uma vez, uma bruxa que vivia como qualquer ser da sua espécie, fazendo magias más e voando de um lado para outro em sua vassoura mágica. Porém, enquanto fazia os seus feitiços, algo ocorreu, como era uma bruxa, não poderia ser algo bom para si.

Na verdade era a sua vassoura linda e preciosa, igual a um diamante para ela, que havia desaparecido. A bruxa então teve a reação que já era de se esperar, começou a descontar toda a sua raiva nas coisas mais próximas de si.

Os dias foram passando e ela não se acostumava com a ideia de ficar sem sua vassoura, mas o que ela não sabia, ou melhor, não se lembrava, que a tinha colocado no depósito e com sua cabeça agoniada, esqueceu-se. O bom era que ela não saía para lugar nenhum e, conseqüentemente, não fazia mal a ninguém que não morasse perto dela.

Para a nossa sorte, digo, a sorte dos outros, os anos se passaram e a bruxa foi se esquecendo do mal que habitava em seu coração. Então, após ela se converter para o bem, precisou procurar um ingrediente que nunca tinha usado nas suas receitas: a felicidade. De tanto procurar, acabou encontrando a sua vassoura, mas já era tarde demais, porque agora, ela sendo do bem, perdeu os poderes maus e virou uma fada.

Aluna: Thaís Moraes

Nº: 4325

Turma: 601



Um salto para o passado

Há muito tempo, existiu um belo príncipe que estava prestes a se tornar um rei. Seu pai, o rei Marcos, disse ao seu filho, que antes dele se tornar rei, deveria possuir uma esposa, que fosse digna do amor e lealdade do príncipe e que também possuísse bens para sustentar o reino.

Assim, o príncipe organizou um belo baile real e convidou as mais belas e ricas princesas. Entre elas Ariel, Branca de Neve, Cinderela, Aurora, Bela e muitas outras.

Durante todo o baile, o príncipe conversou e dançou com todas as princesas ali presentes para decidir qual seria sua futura esposa.

Mesmo que todas as princesas ali presentes tivessem de passar por coisas difíceis depois de entrar para a realeza, parecia que todas elas começaram a ficar ambiciosas por poder e riqueza; pessoas que se achavam e gostavam de contar fofocas umas sobre as outras. Porém, havia uma princesa que sempre ficava escondida na multidão. Era a princesa Emma. Ela tinha ainda bondade e amor no coração, infelizmente era a que tinha menos riquezas. Era com ela que o rei não queria que o príncipe se casasse, e o principal alvo da fofoca das outras princesas.

Ao acabar o baile, o príncipe foi até a biblioteca do seu castelo, porque no dia seguinte, ele teria que responder com quem queria se casar; então foi pesquisar a história de cada uma das princesas, para poder ver em qual pertencia mais amor e bondade no coração. Depois de ler quase todas as histórias, foi ler a da princesa Emma novamente e comparou com histórias de outras princesas. Emma era, sem dúvida, a princesa mais bondosa; nascida e criada no campo, começou deste cedo trabalhando no castelo até se tornar princesa. A cidade dela era sim a que tinha menos riqueza, porém tinha milhares de minas inexploradas.

No dia seguinte, para comemorar e divulgar quem seria sua noiva, convidou todas as princesas novamente. Na frente de cada princesa havia um sapatinho, tipo de cristal. Em cada um havia uma mensagem. Nas mensagens havia contido a história de cada uma. O príncipe subiu a escadaria e falou:

– Acho que todas se surpreenderam agora. Provavelmente, devem estar se perguntando “Nossa! Como eu mudei tanto assim?”, a resposta é simples. Vocês esqueceram o mais importante: a bondade e o amor dentro de si. Se tivesse seguido o coração e não tivessem sido corrompidas pela riqueza, não teriam ficado assim.

Ele parou de falar e desceu a escadaria. Foi em direção à princesa cujo sapato não tinha nenhum bilhete e disse:

– Emma, é com você que vou me casar. Não tem tanta riqueza quanto as outras, mas tem bondade e nobreza no coração.



Então ele se casou com a princesa Emma e viveram felizes para quase sempre, afinal, ninguém vive para sempre.

Aluna: Clara Viterbo

Nº: 4328

Turma: 602



A fada iniciante

Há muitos anos, em uma cidadezinha cheia de fadas, localizada na copa da árvore mais alta da floresta, iniciou-se o curso de formação das Fadas do Dente. A primeira fada a acabar o treinamento, após três longos e intensos anos, estava preparada e ansiosa para sua primeira missão como fada formada.

Ela que, naquela noite, iria para sua primeira missão, se chamava Tulipa, por causa de suas asas roxas lanceoladas com poucas áreas amareladas, criando um lindo contraste com o verde da árvore onde costumava treinar. Estava quase na hora do evento, já amarrara seus cabelos loiros, já colocara seu vestido branco e havia arrumado sua mochila com o dinheiro e outros equipamentos para possíveis imprevistos.

Chegou à casa azul onde se localizava o dente caído da criança. Abriu a porta fazendo o feitiço que havia aprendido, estava bem nervosa. Passou pela sala tranquila e chegou ao corredor que dava ao quarto do menino, mas nesse corredor, havia um gato branco, peludo e de olhos azuis e frios que parecia que a estava encarando. Paralisou por um tempo observando o seu inimigo que achava que ela era uma borboleta, inseto que serve como seu brinquedo.

Após muitos pensamentos e olhares, lembrou que em sua mochila havia colocado um graveto e um pedaço de algodão. Correu para o banheiro mais próximo e trancou a porta com um feitiço. Enquanto o gato miava alto e derrubava várias coisas do lado de fora, ela tentava fazer uma distração para ele. Pegou a vara com o algodão na ponta, abriu a porta, montou no gato e posicionou a vara na frente dele, podendo assim controlá-lo.

Guiou o gato para o quarto do menino, trocou o dente caído embaixo do travesseiro por uma nota de vinte reais e voltou para a cidade das fadas. De manhã cedo, o menino acordou todo feliz, com a nota de vinte reais. A rainha do reino das fadas falou para Tulipa:

– Parabéns pela sua primeira missão! Você fez mais uma criança acreditar que nós existimos, aumentando nossa magia, quanto mais acreditarem, mais ficamos fortes. Sua próxima missão será com uma adolescente de treze anos. Cuidado! A maioria nessa idade, não acredita em nossa existência e esta menina costuma passar a noite acordada no celular, você pode ser vista.

Aluna: Luísa Vilar

Nº: 4323

Turma: 602



A menina e o arco-íris

Em uma terra distante, existia a lenda do arco-íris. Diziam que, em cada final de inverno, aparecia o lendário arco-íris que, em seu final, guardava a maior riqueza do mundo, porém, o caminho até ele era sombrio e muitos morriam percorrendo-o.

Numa cidadezinha, havia uma moça jovem e esperançosa chamada Kiara. Ela era muito bela, mas era pobre e vivia no celeiro do castelo, com seu fiel amigo, o cavalo Max. Sonhadora, Kiara sempre quis saber o que havia no final do arco-íris, porém temia o que poderia estar no caminho dele. Naquele momento, Kiara passava por um momento difícil e precisava de dinheiro para continuar vivendo. Então, se preparou e esperou o inverno passar para partir levando consigo seu amigo Max.

Quando a primavera chegou, eles subiram as montanhas com muita coragem e esforço até chegarem ao topo. Tiveram uma enorme surpresa lá: encontraram um *troll* gigante e duendes raivosos que estavam protegendo o grande tesouro. Quando Kiara viu que ali seria seu fim, outra surpresa, muito melhor do que a anterior surgiu: um príncipe chegou montado num cavalo branco. Ele foi tão corajoso que cortou a cabeça do *troll*, com sua espada. Kiara o ajudou e juntos eles derrotaram as criaturas malignas.

Depois decidiram seguir viagem e começaram a se conhecer melhor. O nome do príncipe era Bem e ele desejava também descobrir o que havia no final do arco-íris. No caminho, encontraram muitos desafios, mas, quando se juntavam, tudo ficava mais fácil. Dia após dia, noite após noite, Bem e Kiara enfrentaram monstros que a cada passo ficavam cada vez mais poderosos e difíceis de enfrentar.

Após muitos dias de luta, eles, finalmente, chegaram ao final do arco-íris e conseguiram descobrir que o tesouro que tanto desejavam, era o amor verdadeiro, a única riqueza que o dinheiro não podia comprar. Desceram no escorregador mágico de saída das montanhas e retornaram ao ponto de partida. Depois, se casaram e tiveram um final feliz como príncipe e princesa.

Aluna: Eduarda Freitas

Nº: 4330

Turma: 602



Robin, o arqueiro

Era uma vez, em um reino muito distante, um camponês chamado Robin estava caçando na floresta quando viu uma moça mais bonita que uma rosa, montada em um cavalo puro-sangue. Percebendo que era uma princesa, resolveu falar com ela, mas uma bruxa apareceu voando em sua vassoura e usando uma magia, pegou a princesa. Quando ela ia embora foi interrompida por Robin:

– Pare sua bruxa! Coloque a princesa no chão ou vai se machucar!

A bruxa, com sua mágica, desacordou Robin e voou para longe.

Muito tempo depois, Robin acordou sonolento e falou:

– Hã... Princesa?... Preciso contar ao rei, ele precisa saber.

Assim que chegou ao castelo, contou o que aconteceu ao rei, este chamou o comandante e disse:

– Reúna os seus melhores soldados e vá salvar minha filha!

– Sim, Vossa Majestade! – disse o comandante.

Robin interferiu e perguntou:

– Posso ajudar? Sou um ótimo rastreador e sou bom com o arco e flecha.

– Está bem! – disse o rei.

Depois de se arrumarem, partiram. Enquanto passavam pela floresta, perceberam que por onde a bruxa passava a natureza morria, então resolveram seguir esse rastro.

Um tempo cavalgando, eles encontraram uma torre tão alta quanto uma montanha. De repente, saiu do topo da torre a bruxa gritando:

– O que querem, rapazes?

– A princesa, ora essa! – respondeu Robin.

– Se vocês querem, venham pegá-la!

Nesse instante, a criatura mágica se tornou ainda mais assustadora e virou um dragão. Robin pegou seu arco e sua flecha e se escondeu atrás de uma árvore e disse:

– Comandante, distraia, junto com os outros, a fera, porque eu tenho um plano infalível!

O comandante e seus soldados distraíram o monstro, enquanto Robin se posicionou atrás de uma pedra esperando o momento certo. De repente, virou-se e atirou a flecha, que acertou em cheio o peito do dragão, matando-o. Com isso, todos subiram rapidamente para salvar a princesa. Ao chegar no alto da torre, viram-na caída no chão. Eles a ajudaram a levantar e ela agradeceu a todos, principalmente ao Robin.

Quando voltaram para o reino, o rei agradeceu por terem salvo a sua filha e um tempo depois, Robin e a princesa se casaram, vivendo felizes para sempre.



Os livros

Há milhares de anos, no reino de Avalon, houve uma revolta em que o rei mandou matar todas as pessoas que sabiam ler. Ele também demoliu todas as bibliotecas do reino, deixando somente a do seu castelo.

Passaram-se anos e anos, ao longo do tempo, as pessoas foram se esquecendo do ocorrido, e toda a magia dos livros ficou presa dentro daquela sala escura e empoeirada, até que um dia, a filha do rei, Luiza, que estava a dois anos de receber sua coroa, estava passeando quando, de repente, esbarrou em uma sala que nunca tinha visto antes e curiosa resolveu entrar.

Assim que entrou, deu de cara com uma estante enorme, cheia do que pareciam ser livros os quais só ouviu falar nas histórias que sua avó costumava lhe contar. Durante muito tempo, ela se esforçou para aprender a ler e quando aprendeu, começou a ensinar para outras pessoas. Seu pai não gostou da ideia e a proibiu, mas ela continuou mesmo assim. Quando se tornou rainha, Luiza ensinou todos a lerem e abriu várias bibliotecas, tornando assim seu reino livre e mais feliz.

Aluna: Clara Moraes

Nº: 4327

Turma: 602



LENDAS



A lenda do girassol

Era uma vez há muito tempo, em uma pequena aldeia indígena, uma indiazinha chamada Maná, muito linda, de olhos azuis e pele bronzeada.

Muitos curumins perguntavam se ela fazia algo mágico para ser tão linda. Maná sempre respondia que seu amor pelo Sol era o principal motivo, mas o Sol nunca a correspondia.

Todos os dias, ela se deitava na grama e acompanhava o curso inteiro do Sol, entretanto, ele não dizia nada.

O tempo passou e nenhuma palavra o Sol falava. Chamou os colibris e pediu que eles a levassem até o lugar mais quente do mundo.

Os colibris aceitaram, guiaram-na até lá, não era tão longe, porém, por causa da desidratação e fome a curumim morreu no meio do caminho.

Tupã, que observava a vida da garota, decidiu recompensá-la por sua bravura e determinação. Então, no lugar em que ela foi enterrada, nasceu uma flor, amarela e bem grande. Pelas tribos próximas, a planta foi chamada de girassol, porque seguia o curso do sol durante o dia.

Aluno: Carlos Eduardo

Nº: 4344

Turma: 601



A criação do fogo

Quando eu era menor e vivia em uma aldeia, eu tinha uma pergunta todas as vezes que eu parava para observar uma fogueira à noite.

Certo dia, tomei coragem e fui falar com o pajé:

– Pajé! Pajé!

– O que é, Piatã?

– Eu quero fazer uma pergunta! Como foi criado o fogo?

– Vou contar uma história que você vai gostar muito.

Há muito tempo, existiu uma jovem indiazinha chamada Jacira. Por ser muito bela, Jurupari, o deus do mal, amava-a. Ele mandou uma mensagem para ela, em sonho, revelando seu amor. Para não entristecer seus pais, a jovem decidiu não contar o acontecido.

Anos depois, ela se casou com um guerreiro da aldeia. Logo após a cerimônia, caiu uma forte chuva e todos foram para dentro de suas casas.

Depois de três dias, tudo de mau já havia acontecido na aldeia: animais e peixes mortos, plantações acabadas...

Jacira compreendeu que era Jurupari que estava destruindo sua aldeia e decidiu fugir.

Sempre que podia, ela se abrigava no alto de uma árvore para fugir dos animais ferozes. Um dia, à noite, quando estava dormindo, Jurupari decidiu matá-la e jogou um raio nela, mas acabou acertando as árvores, causando um enorme incêndio na floresta.

Jacira correu de volta à aldeia e explicou o acontecido. Com o fogo do incêndio, eles criaram fogueiras para iluminar, aquecer e assar os alimentos. Assim o fogo foi diminuindo.

Jurupari, arrependido de dar o fogo aos humanos, desistiu de Jacira, mas conseguiu tirar proveito disso: libertou os males como a inveja, a ganância etc. para que as guerras entre os homens começassem. Sabia que o fogo das batalhas se tornaria cada vez pior.

Aluno: Silva

Nº: 4321

Turma: 601



A lenda do surgimento da água

Alguns anos atrás, um indiozinho chamado Pedro, perguntou ao seu avô que era o pajé da tribo:

– Vô, como surgiu a água?

O avô dele respondeu:

– Antes de contar, meu neto, como surgiu a água, vamos à minha oca.

Entraram na oca e o avô começou a contar que, há décadas, quando o Planeta Terra ainda era uma bola de fogo, havia um deus chamado Poseidon, que vivia triste, porque era solitário.

Com o passar do tempo, surgiu a deusa da Terra, chamada Rochosa. Poseidon não ficou mais triste e não viveu mais só.

A cada dia, ele e Rochosa ficavam mais próximos e foram se acostumando um com o outro. Até que Poseidon se declarou:

– Rochosa, eu quero viver junto com você para sempre.

Passaram-se os anos, Poseidon ficou velho, pois ele era um deus humano, mas queria viver para sempre com Rochosa, então pediu ajuda à deusa Solução.

Essa deusa o ajudou transformando-o em água e o dois nunca mais se separaram.

O indiozinho falou para o avô.

– Muito obrigado, vô, por me contar essa bela história.

O avô de Pedro respondeu:

– De nada, meu neto, agora você já sabe como surgiu a água neste planeta.

Aluno: João Coutinho

Nº: 4406

Turma: 601



A criação das estrelas

Muitos falam que as estrelas surgiram a partir de nuvens de gás Hélio e Hidrogênio, mas isso é tudo uma mentira. As estrelas surgiram de outra forma, isso é o que dizem na aldeia Guarani. O povo que mora nesse lugar, vai passando de geração em geração a história de uma lenda chamada Estrela.

Naquela época, as mulheres não podiam caçar nem trabalhar de forma alguma, sendo assim, ficavam cuidando de seus filhos e de suas casas. Porém, isso era totalmente diferente da realidade de Ester, mãe de Estrela. Ela caçava quando ninguém estava por perto e ainda era muito boa no que fazia. Assim, quando teve a filha, lhe passou os ensinamentos que tinha.

Estrela começou a caçar muito cedo, mas ninguém podia saber, pois ela poderia ser expulsa da aldeia. Até que um dia, enquanto caçava, o índio que fazia a ronda durante a noite achou que ela fosse um animal selvagem e resolveu atacar a chama que estava em sua mão, que no caso era uma tocha acesa.

Aquele foi o último dia da Estrela na Terra, pois Tupã, condoído transformou as chamas que percorriam seu corpo em luz com toda luz que ela tinha por dentro. Essa luz se partiu em pedaços pequenos e foi para o céu e tornou-se algo que chamaram de estrela.

Aluna: Thaís Moraes

Nº: 4325

Turma: 601



Planeta Água

Numa tarde chuvosa, João estava na casa de seus avós. A residência estava sem luz, por isso, o garoto estava sem poder brincar fora de casa nem utilizar aparelhos eletrônicos. Com essas restrições, ele decidiu conversar com a sua avó, uma senhora meiga e inteligente, que adorava contar histórias e lendas.

Ao chegar à cozinha, local onde sua avó estava, ele foi direto ao assunto e perguntou à meiga senhora como a água havia surgido. Ela o recebeu com muito carinho e decidiu contar uma lenda que foi passada por sua mãe e começou:

Há bilhões de anos, nosso planeta era chamado de Planeta Água. O rei Aquários II era o guardião, principalmente da vida marinha. Tudo estava calmo quando o seu principal inimigo, Jurupari, chegou para dividir o território. Ao descobrir a chegada do seu rival, o guardião pediu um confronto e aquele que perdesse iria embora para o bem de todos. A luta fora bastante demorada e disputada e, ao término do combate, o visitante teve que ir embora. Após vencer, o rei ficou muito fraco e morreu, mas deixou diversos guardiões espalhados pelo mundo, que só iriam embora após utilizados. Eram chamados de partículas de água, assim prometeram ficar na Terra para sempre.


Após o término da história, o garoto percebeu que o tempo passou voando e que já podia ir brincar na grama molhada com outra consciência da água.

Aluno: Samuel Andrade

Nº: 4326

Turma: 602





**HOMENAGEM À TURMA 2017:
SESQUICENTENÁRIO DA RETIRADA DA LAGUNA**

Texto em homenagem à Turma 2017

"A Turma Sesquicentenário da Retirada da Laguna sairá pelos portões pela última vez como alunos do Colégio Militar de Salvador".

É impossível conter nossas lágrimas ao imaginar essa frase. Frase essa que transmite consigo todo o peso dos 7 anos vividos dia após dia dentro do Nobre Cadinho. Uma rotina incessante que nos moldou e mudou nos seres humanos que somos hoje. Cada um dos 2555 dias parece que não foram suficientes para amenizar a saudade que nós já estamos sentindo um dos outros e do Colégio.

É impossível fugir dos clichês e do saudosismo agora que os portões estão a nossa frente. Acabou. Todas as aulas, trabalhos, provas, formaturas, conselhos de classes, passeios e tantas outras coisas dessa fase da nossa vida acabaram. Outros desafios virão, outros terceiros anos sairão do CMS, mas esse momento é único, porque é só nosso.

A partir desse momento, é cada um por si: experiências novas, outras turmas, lugares novos e diferentes rotinas. Mas, cada um de nós guiado pelos ensinamentos de todos do CMS, principalmente da nossa amada Major Rosângela, que se estivesse aqui nos diria para esquecermos o futuro e focar no agora.

E no agora é a Turma Sesquicentenário da Retirada da Laguna que está saindo pelos portões.

Aluna: Amanda Gaia

Nº: 3624

Turma: 302





**PALAVRAS FINAIS DO CORONEL-ALUNO
COMANDANTE DO BATALHÃO ESCOLAR 2017**

Palavras finais do Coronel-aluno para a turma Sesquicentenário da Retirada da Laguna

Enfim, nossa jornada no Nobre Cadinho é concluída. Ainda não consigo compreender como 7 anos conseguem passar tão rapidamente... como aqueles meninos e meninas com olhares curiosos se tornariam o que somos hoje? Fomos a turma pioneira do sistema integral de ensino e iniciamos um legado com ela; afinal, qual de nós poderia esquecer dos “Estudos Obrigatórios” e das aulas de flauta doce? Brigamos, rimos, choramos, amamos e expressamos os mais diversos sentimentos que os seres humanos podem demonstrar. Fizemos amizades que serão mantidas até o final de nossas vidas; conhecemos pessoas que chamamos de irmãos e irmãs e que nos mostram a beleza de amar.

Agora, seguimos a vida adulta, seremos grandes médicos, advogados, administradores, militares, dentre outras profissões. Podemos não estar mais no colégio, mas ele nunca sairá de nós. Valores que vêm se tornando tão raros na sociedade foram transmitidos a nós de forma fraterna e carinhosa; nunca me esquecerei da estranheza das pessoas “de fora” pelo nosso uso constante de termos como “senhor” e “senhora”.

Diversas oportunidades foram entregues a nós: competições desportivas, olimpíadas do conhecimento, festivais da canção, feiras culturais, trabalhos interdisciplinares, apresentações musicais nos mais diversos estabelecimentos, dentre muitas outras atividades. Fomos agraciados com a capacidade de escolher nossos futuros de acordo com nossos desejos e, agora, estamos lutando para que eles ocorram.

Não teremos mais que nos preocupar com resumos acadêmicos, nem com VIs, nem com AEs, mas sentiremos falta. Sentiremos falta de acordar 5h30 para participar de uma formatura diária às 6h45 e seguir para a aula que começa às 7h10 e termina às 12h00, podendo se expandir até às 12h45. Sentiremos falta de olhar para cadeira de trás e observar nosso amigo estudando na véspera da prova. Sentiremos falta dos sorrisos, após uma nota desejada. Mas, seguiremos em frente, pois a persistência é uma de nossas maiores qualidades.

Diante de tudo isso, necessitamos, nada mais que agradecer. Portanto, dedicamos os nossos mais profundos agradecimentos, primeiramente a DEUS, por nos guiar sempre; aos nossos pais, que nos incentivaram a adentrar ao colégio; aos monitores, que tomaram conta de nós; aos professores, que nos concederam os mais diversos tipos de conhecimento. E... a turma Sesquicentenário da Retirada da Laguna, os parabéns por ter concluído com louvor mais uma etapa da vida. Serenamente, saímos do Nobre Cadinho e seguimos para colocar nossos nomes na história. Zum Zaravalho!



E AO COLÉGIO, NADA? TUDO! E O TERCEIRÃO? HUH! HUH! HUH! HUH!!!

Aluno: Nishimoto

Nº: 3281

Turma: 302

